

Ivoni Richter Reimer



Terra e água

na espiritualidade
do movimento de Jesus

Contribuições para um mundo globalizado

2ª edição – E-book



Espiritualidade, ecologia, sustentabilidade, globalização... São palavras e relações presentes na vida de todas as pessoas em todas as partes do nosso mundo. Atuais e urgentes são as demandas para a mudança de mentalidade, proposição e realização de ações que possam reverter ou suspender processos de destruição do ambiente VIDA.

O livro contribui para a construção de relações de cuidado, restauração e preservação da vida em suas dimensões pessoais, econômico-sociais e ecológico-ambientais. Oferece informações, análises e interpretações de textos e tradições bíblico-teológicas, simbólico-representativos de nossa herança cultural. Aponta para a necessidade de olhar criticamente e reconstruir efeitos históricos oriundos de interpretações bíblicas que contribuíram para uma mentalidade de superioridade antropológica, exploração e destruição de recursos naturais e humanos.

A obra apresenta questões e abordagens ecológicas e da espiritualidade como fruto de trabalhos compartilhados em vários eventos e movimentos sociais, acadêmicos e pastorais. Muita gente comprometida com questões centrais e vitais de nosso tempo, defendendo a sustentabilidade da vida nas múltiplas e complexas relações da nossa existência, está presente neste livro.

As Ciências da Religião e a Teologia são um fórum significativo no debate de questões ecológico-ambientais. Elas podem contribuir para a mudança de mentalidade e de comportamento em nível cultural e sociopolítico, abrangendo expressões de espiritualidade, ética, liturgia, estudos bíblico-teológicos e organização eclesial e político-social.

Existem desafios a serem ainda aceitos e enfrentados no cotidiano de nossas vidas e que podem ser sustentados por uma espiritualidade que se baseia na práxis libertadora de Jesus e seu movimento de transformação integral, ontem e hoje.



Ivoni é teóloga, doutora e pastora luterana (IECLB), agora aposentada. Foi professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), assessora do Serviço de Animação Bíblica (SAB) das Paulinas (Belo Horizonte), do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), do Curso de Verão (São Paulo). É membro-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB). Coordenou o Núcleo de Pesquisa e Estudos da Religião (PUC Goiás). Pesquisa, ensina e escreve a respeito de textos, interpretações e contextos do Novo Testamento, fenômeno religioso e relações de gênero em perspectivas sócio-históricas, ecofeministas e de gênero. Tem vários livros, artigos em revistas especializadas e capítulos em livros. Alegra-se em ser filha de Frida e de João (*in memoriam*), criada no seio de família pequeno-agricultura em Palmitos/SC. Casada com Haroldo e mãe de Daniel e Tiago, vive bastante feliz, semeando e plantando, regando, podando e cuidando de plantas e relações.

**Terra e água
na espiritualidade do
movimento de Jesus**

**Contribuições para um
mundo globalizado**

Ivoni Richter Reimer

**Terra e água
na espiritualidade do
movimento de Jesus**

**Contribuições para um
mundo globalizado**

2ª edição
revista e atualizada

E-Book



São Leopoldo
2026

© Ivoni Richter Reimer – 2026
ivonirr@gmail.com

Editoração: Oikos

Revisão: Rui Bender

Imagem da capa: Rosileny Alves dos Santos Schwantes

Capa: Joice Elisa de Oliveira

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial

Ana Silvia Volpi Scott (IFCH/NEPO – UNICAMP)
Avelino da Rosa Oliveira (Pesquisador UFPel)
Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)
Elcio Cecchetti (GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (Bolsista de Produtividade CNPq)
João Biehl (Princeton University)
Luiz Inácio Gaiger (Pesquisador Ciências Sociais)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Intern. Schule für Interkult. Philosophie Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)
Samira P. Moretto (UFFS e UFSC)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 9 81149642
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

R363t Reimer, Ivoni Richter
Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus. Contribuições para um mundo globalizado. 2. ed.; rev. atual. [E-book]. / Ivoni Richter Reimer. – São Leopoldo: Oikos, 2026.
95 p.; il.; 14 x 21cm.
ISBN 978-65-5974-355-1
1. Religião – Ecologia humana. 2. Novo Testamento – Ecologia. 3. Ecologia – Aspecto religioso. 4. Reflexão teológica. I. Título.
CDU 2:504.75

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

*Política, a ecologia não será democrática;
democrática, terá que renunciar
às miragens da grande política.*

Luc Ferry

Sumário

Prefácio à 2ª edição	9
Apresentação	13
Introdução	15
1 Fazer, saber e poder: introduzindo a palavra e os olhares..	21
2 Abrindo olhos, corações, mentes, mãos, ouvidos e entranhas	31
3 Terra, cuidado e gratuidade: sabedoria que brota de sementes	41
4 “A terra é de Deus” e “estrado de seus pés”?! A situação político-fundiária na Palestina no século I	47
4.1 Terra, exploração e riqueza	48
4.2 Terra, impostos e resistência	51
4.3 Terra e identidade cultural	54
4.4 O apóstolo Paulo e uma teologia da terra	56
4.4.1 A promessa de terra, o gemido da criação e o trabalho de libertação (Rm 8)	58
4.5 Nosso corpo, terra vivificada, comunhão	61
5 De terra e águas, de amor e guerras	63
5.1 Criatividade e resistência como <i>status confessionis</i> na proteção da vida	64
5.2 Águas do cotidiano e da economia	70
5.3 Águas de travessia	75
5.4 Águas de batismo e de cura	78

6 Escatológicas e eternas águas na denúncia de explorações	81
6.1 A terra abre sua boca, e a água não engole a mulher..	82
6.2 Águas, frutos, folhas e curas	86
6.3 Água que jorra para a vida eterna	87
6.4 Água viva, água batismal, compromisso de nova vida..	89
7 Para continuar a palavra... Integridade da criação, vida e paz em nosso mundo globalizado?!	91
Referências	95

Prefácio à 2ª edição

No ventre da terra escondiam-se coisas raras como ouro, prata, bronze, ferro, pedras preciosas... Tudo isso já foi e continua sendo explorado de forma clandestina e legal, na base do chicote e das tecnologias.

Minerações invadindo terras protegidas em reservas indígenas e ambientais manchetearam notícias e investigações; poluição e doenças causadas por produtos pesados usados para ‘refinar’ os minérios tornaram-se um dado banal(izado). No bombardeio cotidiano de informações que desinformam, vamos nos acostumando e calcificando frente aos danos oriundos de novas tecnologias que passam a fazer parte da nossa vida. Esse é um dilema-desafio a ser enfrentado por nós, por governantes e por empresários numa postura de não nos fecharmos para inovações e novas formas de abastecimentos energéticos e tecnológicos, sem vendermos nossa alma e nossa terra para quem só pensa em enriquecer e exercer sobre nós seu poder por meio de ameaças e intervenções. Para tal é preciso pensar o hoje a partir do amanhã, com o olhar refratado no ontem!

Desde a primeira edição deste livro algumas coisas mudaram, tendo-se ampliado o leque do campo de observação da realidade contemplada pelo tema. Na ocasião, por exemplo, não tratamos do tema ‘terras raras’. Percebo, po-

rém, que a abordagem dos temas bíblicos aqui tratados também contemplam essa nova realidade. Sim, além dos problemas tratados na época, cada vez mais são ambicionadas as ‘terras raras’*, que de raro abrigam monazita, bastnasita, xenótimo, loparita, neodímio, disprósio, argilas lateríticas, térbio, lantânio e outros tantos minerais críticos. Todos eles são necessários para alimentar os avanços tecnológicos modernos e ambicionados para sustentar a economia do presente-futuro. Inteligência artificial, computação quântica e mobilidade elétrica necessitam desses insumos minerais, que configuram já no presente as próximas guerras...

Ora, na busca pela redução de carbono no ar e na terra, temos que considerar que também a descarbonização tem seu preço alto: carros elétricos e geradores eólicos, por exemplo, necessitam mais desses insumos minerais raros do que outros veículos e usinas; na robótica, inteligência artificial e automação são usados neodímio, disprósio e térbio, metais magnéticos que permitem manter o resfriamento de semicondutores e a solidez de componentes potentes para seu funcionamento. E muitos desses insumos já estão sendo usados por nós, nos robôs de limpeza doméstica e de uso industrial, no uso de energia eólica (e talvez solar), nos celulares que combinam diversas tecnologias... São raras as pessoas que não têm e não usam smartphones com seus alto-falantes, microfones e motores de vibração em miniatura,

* Para informação, ver o artigo “O que são Terras Raras? Conheça os 17 tipos de minerais raros e saiba para que são usados” (21/04/2026): <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2026/04/o-que-sao-terras-raras-conheca-os-17-tipos-de-minerais-raros-e-saiba-para-que-sao-usados.ghtml>.

potencializados por causa dos ímãs de neodímio e cujas câmeras são enriquecidas com lantânio, aumentando assim o índice de refração e permitindo lentes mais finas e nítidas. Usamos e não sabemos o que carregamos conosco... Lembro de uma antiga palavra crítica do historiador naturalista Plínio, o Velho, quando questionava a extração do ouro, tirado do “útero da terra”, o que para ele constituía um crime, e esse crime, disse ele, também era cometido por quem usava produtos de ouro...

O livro que agora disponibilizamos *online* pode contribuir para a vivência de uma espiritualidade bíblico-ecológica que consiga fazer o exercício de refletir e meditar na Palavra de Deus e cuidar do ambiente-criação para produzir os bens necessários para o bem-viver de todas as pessoas. Dignidade de todas as criaturas, soberania alimentar e soberania geopolítica fazem parte dessas reflexões e desse exercício.

Assim, convido você, leitora e leitor, a realizarem uma leitura-imersão em textos bíblicos que abrem para a vivência da espiritualidade ecológica que considera o contexto social, econômico e geopolítico fundamental para viver nas pegadas de Jesus.

Ilha Redonda/Palmitos SC, junho de 2026

Apresentação

Sustentabilidade é meta a ser ainda descoberta pelo mundo globalizado. Não faltam as vozes alertando que restam apenas pouquíssimos anos para retardar os efeitos desastrosos causados por destruição da natureza e descuido com a vida no planeta. Não obstante, aumentam a depredação e a poluição da biosfera e dos recursos naturais indispensáveis para a existência condigna das gerações futuras. A sociedade atual aposta no crescimento do consumo como solução para os problemas sociais à custa do meio ambiente. Porventura há como reverter a marcha à autodestruição da espécie humana?

O presente livro propõe-se o resgate de uma espiritualidade do cuidado, empenhada em preservar a magnífica criação de Deus. Insere-se, assim, nas iniciativas que em tempos recentes se multiplicam mundo afora em busca de alternativas para a inescrupulosa exploração da mãe “Terra”. Tentativas de frear essa fatal evolução têm se mostrado por ora ineficazes, razão pela qual importa redobrar o esforço.

Para tanto, é essencial o auxílio fornecido pela tradição bíblica. A autora se concentra no movimento de Jesus, sem deixar de lado outras contribuições da Sagrada Escritura para o assunto. Por ser especialista na área do Novo Testamento, é claro que ela privilegia textos dessa parte da Bíblia. Particular atenção está sendo dada ao tema da terra e da água. É impressionante como a autora consegue dar voz aos

textos antigos sob tal perspectiva específica e mostrar-lhes a relevância atual. O acesso está sendo facilitado por uma introdução à formação e à natureza do Novo Testamento nas condições sociopolíticas reinantes na época. Simultaneamente, ela define a hermenêutica a prevalecer na aproximação aos textos. Coloca-se a pergunta: Se a terra e a água são de Deus, dons gratuitos concedidos ao ser humano para usufruto responsável, como tratá-los devidamente?

O enfoque da abordagem dos textos mostra que o objetivo dos estudos vai muito além de mais um alerta ecológico entre outros. A ênfase está numa nova espiritualidade a ser ensaiada. Trata-se de perceber a integridade dos diversos elos da criação e sua interação: se uma parte sofre, sofre o conjunto. A organicidade que o apóstolo Paulo estabelece para o “Corpo de Cristo” há que se estender para toda a criação. Importa aprender a *sentir-com* e ter *com-paixão* com todos os membros desse corpo que incluem os componentes da criação. Isso, porém, pressupõe uma transformação da mente, respectivamente um novo espírito. Espiritualidade diz respeito a um estado de espírito que se traduz em ação.

O leitor e a leitora agradecem pela riqueza dos conteúdos. A autora consegue revelar dimensões por demais vezes ocultas nos textos e, assim, entusiasmar para a causa a que se propõe servir. A legitimidade da mesma não necessita de justificação. Ela encontrou em Ivoni Richter Reimer excelente e competente defensora. Recomendo enfaticamente a leitura deste livro e desejo que ajude a converter corações e mentes em favor do cuidado que a maravilha da criação de Deus requer.

Dr. Gottfried Brakemeier

Introdução

Este livro quer contribuir com as demandas urgentes em relação ao cuidado, à restauração e à preservação da vida em suas dimensões pessoais, socioculturais, corporais e ecológico-ambientais. Propus-me a reelaborar questões fundamentais que são fruto de trabalhos apresentados e discutidos em vários eventos e movimentos sociais, acadêmicos e pastorais. Portanto, as questões aqui elaboradas foram expostas e articuladas em parceria com muita gente comprometida com questões centrais e vitais de nosso tempo, ocasião em que discutimos e defendemos a sustentabilidade da vida nas múltiplas relações que construímos em várias dimensões da nossa existência.

Palestras e assessorias foram realizadas em vários lugares e situações. Sou grata, portanto, a cada pessoa que participou desse processo de reflexão e construção de colocação de tema, de escolha e seleção de materiais, de análise e compartilhar de resultados parciais.

Lembro, assim, de uma primeira apresentação da temática na II Semana de Estudos da Religião, no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da Universidade Católica em Goiás (atual PUC Goiás), em 2001, da qual participaram mulheres e homens de várias regiões do Brasil. Realizei várias assessorias e cursos com grupos de estudo e formação do Centro de Estudos Bíblicos

(CEBI) em Goiás, no Paraná, no Tocantins, no Ceará, no Pará, no Distrito Federal... Com teólogas e pastoras de diversas igrejas e movimentos sociais, realizei curso intensivo abordando os desafios e a vivência da Espiritualidade Ecológica e Feminista, em Santiago (Chile). Contribuições bíblico-teológicas foram feitas no XX Curso de Verão, em 2007, em São Paulo, juntamente com Leonardo Boff, sob o tema “Ecologia: cuidar da vida e da integridade da criação”¹. Em várias etapas do Curso de Teologia Feminista no Serviço de Animação Bíblica (SAB) das Paulinas de Belo Horizonte, foram abordadas questões ecofeministas.² Em Ipatinga/MG, participei como conferencista do 7º Encontro Nacional de Fé e Política, que teve por tema “Cuidar da Vida: espiritualidade, ecologia e economia”³. Contribuições sobre a temática foram feitas no Fórum de Teólogas e Pastoras do Conselho Latino-Americano de Igrejas Cristãs (CLAI) e no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). Além disso, foram publicados vários textos em forma de artigos e capítulos em revistas, livros e jornais, dos quais mencionamos Estudos Bíblicos, NovOlhar, Caminhos, Fragmentos de Cultura...

A cada pessoa e a cada instituição que participaram e continuam participando desse processo de estudo e análise, de elaboração e partilha, registro, aqui, minha gratidão, meu

¹ Veja o processo e alguns resultados publicados em Beozzo (2006), livro lançado naquele evento.

² A respeito dessas questões veja meu livro *Grava-me como selo* (2005), especialmente p. 9-36.

³ Acesse o texto da conferência no *site* www.fepolitica.org.br, com o título “Espiritualidade no cotidiano: cuidar da vida”, proferida em Ipatinga/MG, em novembro de 2009.

respeito e admiração não apenas pelo estudo, mas pelo estudo engajado e comprometido em atitudes e posturas propositivas e em *práxis* libertadora em seus lugares de vida, trabalho e descanso.

Esses trabalhos e sua partilha por meio de cursos, assessorias, palestras e publicações, bem como a demanda cada vez mais significativa acerca da temática demonstram que as Ciências da Religião e a Teologia têm se tornado um fórum significativo no debate de questões ecológico-ambientais e de construção de relações. Essas ciências colocam contribuições relevantes para a mudança de mentalidades e de comportamentos em nível cultural e sociopolítico e que abrangem também expressões de espiritualidade, ética, liturgia, estudos bíblico-teológicos e organização eclesial.

O livro está assim organizado: O capítulo 1 apresenta resumidamente alguns conceitos norteadores de pesquisa que realizo com textos bíblicos, principalmente do Novo Testamento. Isso pretende facilitar a compreensão de pressupostos teóricos e metodológicos, bem como o desenvolvimento e o fluxo de apresentação e argumentação de dados, documentos e suas interpretações. No capítulo 2, teço reflexões sobre iniciativas e trabalhos realizados em perspectiva ecológico-ambiental, sua importância e suas problemáticas. O capítulo 3 adentra trilhas com cheiro de terra e gosto de sementes na *práxis* libertadora de Jesus, narrada em evangelhos: parábolas e sabedorias populares. No capítulo 4, apresento uma análise de textos e tradições judaicas e cristãs que são críticos em relação à ocupação da terra e das águas no contexto do movimento de Jesus, dentro das realidades de

políticas fundiárias do Império Romano. No capítulo 5, re- viro terras e águas, amores e guerras, destacando vivências de espiritualidade e resistência como *status confessionis* para a construção de relações justas nas esferas econômicas e afetivas, na qual têm lugar as tradições jubilares realimentadas no movimento de Jesus. No capítulo 6, trato do tema água e terra e outros seres em perspectivas apocalípticas. No final, uma conclusão conclama para o trabalho criativo para e com a integridade da criação em nossas vidas.

Nos meus trabalhos busco a transversalidade e a interdisciplinaridade metodológico-interpretativas para a compreensão de textos e seus contextos. Procuo perceber temas centrais e tangenciais, perspectivas semelhantes e diferentes, processos dinâmicos de coesão e de conflito na construção de saberes e poderes.⁴ Utilizo instrumentais exegéticos dos métodos histórico-crítico e sócio-histórico, perpassados pela categoria analítica de gênero e pelos referenciais hermenêuticos ecofeministas e ambientais.⁵

⁴ Resumidamente, a transversalidade refere-se à dimensão didática na abordagem de um tema ou objeto e busca compreender os objetos específicos na referência a sistemas construídos em nossa realidade; a interdisciplinaridade diz respeito à abordagem epistemológica, questionando a fragmentação e a noção compartimentada do conhecimento.

⁵ Obras de referência no intercâmbio internacional de nossos estudos e interpretações são, por exemplo, os trabalhos de Luise Schottroff, Silvia Schroer e Marie-Theres Wacker (2008) e de Elisabeth Schüssler Fiorenza (2009); em nível nacional, destaco os trabalhos realizados no II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, organizados por Elaine Neuenfeldt, Karen Bergesch e Mara Parlow (2008). Para as perspectivas e elaborações hermenêuticas remeto a vários estudos e publicações de Haroldo Reimer, alguns também mencionados neste livro, especialmente os livros publicados em 2006 e 2010. Existem muitos outros trabalhos que merecem destaque, alguns dos quais utilizarei no transcórre da elaboração das páginas deste livro.

Convido, então, para adentrarmos as tessituras de textos e tradições antigas com o trabalho que realizei e dentro das possibilidades de minha interpretação. Com ele objetivo alimentar e fortalecer nossa espiritualidade nesses tempos *kairológicos*⁶ de recuperação, preservação e cuidado na construção de relações em todos os níveis e dimensões, aqui especificamente ecoambientais.

Antes, porém, de passar para o capítulo primeiro, quero registrar aqui meu agradecimento à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) pelas horas de pesquisa na minha carga horária docente, ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião pelas aulas e colóquios realizados, às minhas orientandas e aos meus orientandos na Iniciação Científica, no Mestrado e no Doutorado pelo carinho, pela dedicação e pelas contribuições no desenvolvimento daquilo que faço e sou. Estou também imensamente grata e satisfeita pela conquista, neste ano, da Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq como reconhecimento de meus trabalhos e minhas contribuições já realizados e em andamento com a pesquisa “Mulheres nas Origens do Cristianismo”, em análises de textos e documentos contemporâneos que abarcam as relações socioculturais, econômicas, eclesiais, político-religiosas e familiares-pessoais.

⁶ O termo aqui inventado vem da palavra grega *kairós*, que significa “o tempo oportuno da salvação”. Com ele intentamos apontar para a urgência de mudança de mentalidade, propostas e *práxis* libertadoras não apenas devido às mudanças climáticas, mas em todos os níveis de relações.

Agradecimento especial fique registrado à minha família, principalmente a Haroldo, pelo apoio e pela força contínuos para a perseverança na pesquisa e na escrita que dão e fazem sentido, acreditando que tudo possa fazer crer e viver a paz que brota de relações justas e gostosas! Minha gratidão a Haroldo pela leitura atenta deste manuscrito, pelas correções e contribuições.

O meu ensejo e meu desejo são que este livro seja mais uma contribuição nessa trilha que vamos fazendo, nessa tessitura que vamos tramando, nessas andanças com errâncias e ambiguidades que fazem parte de processos de vida, reflexão e *práxis* transformadoras, projetos de libertação!

Desejo boa leitura e bom aproveitamento!

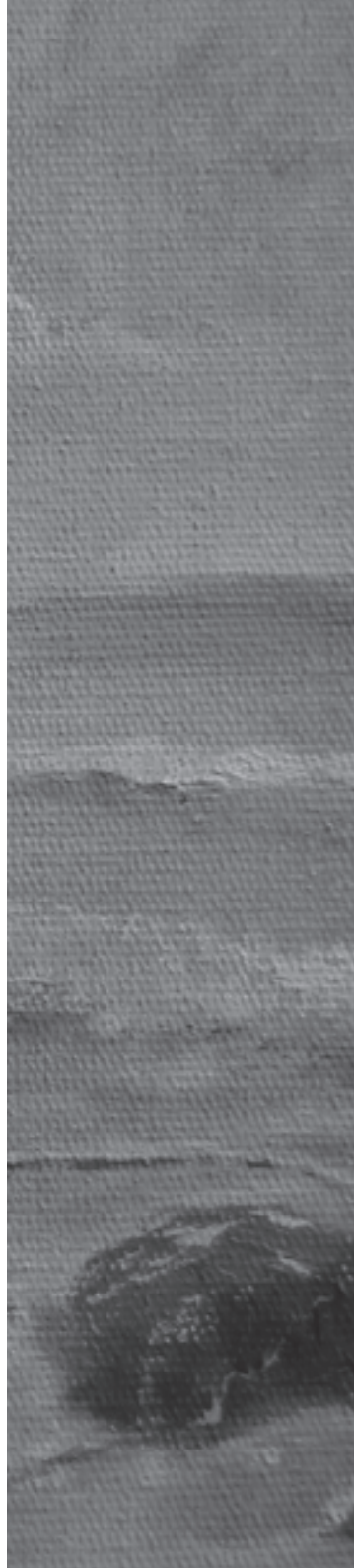
Gostaria de contar com suas reações e sugestões.

Goiânia, 31 de outubro de 2010
Dia da Reforma e da Vitória de Dilma

1 Fazer, saber e poder: introduzindo a palavra e os olhares

Gostaria de apresentar aqui e a título de introdução ao texto principal, alguns pressupostos teórico-metodológicos que norteiam minhas pesquisas. Faço-o de maneira resumida e singela com indicação a outros textos e autores/as. Quero com isso ajudar no processo de leitura, buscando facilitar o acompanhamento e a participação no fluxo de construção e elaboração do trabalho e das argumentações tecidas e expostas.

Os textos que o Novo Testamento nos oferece são escritos do século I, que se originaram a partir de experiências de fé de muitas pessoas e comunidades, as quais têm seu centro e sua referência na *práxis* libertadora de Jesus. Eram muitos os textos, e a organização dos mesmos certamente exigiu muito trabalho, criatividade e mutirões de muita gente. Parte desses escritos foi canonizada, isto é, reconhecida como norma para a vivência de



fé em posturas morais, éticas e doutrinárias nas igrejas que se foram estabelecendo no entorno do Mar Mediterrâneo. O processo de canonização foi concluído no Concílio de Calcedônia em 451, mas, mesmo assim, sempre houve discussão em torno de um ou outro escrito que deveria ser incluído, excluído ou cuja 'profundidade' teológica era questionada.

Em termos de texto, o Novo Testamento contém quatro gêneros literários maiores, que são:

1) Os **Evangelhos** foram organizados em comunidades, narram a respeito da vida, obra, paixão, morte e ressurreição de Jesus e são perpassados pela perspectiva das comunidades. Marcos é o Evangelho canônico mais antigo, escrito em torno do ano 70, seguido por Mateus e Lucas (década de 80) e João (inícios de 90). Os Evangelhos Marcos, Mateus e Lucas são considerados Evangelhos sinóticos, porque a maioria das narrativas é encontrada em todos eles e pode ser lida paralelamente, observando-se semelhanças e diferenças que remetem a realidades e concepções distintas das comunidades específicas nas quais um Evangelho foi organizado.

2) **Atos dos Apóstolos** é livro 'histórico', no sentido de organizar tradições que falam das diversas origens da Igreja no entorno do Mar Mediterrâneo, escrito por volta de 90. Essas comunidades (*eclesiai*) dão continuidade ao movimento de Jesus, precisando organizar suas formas de viver em meio às novas situações após a Páscoa e em meio às situações de perseguição e dominação do Império Romano. A partir dos anos 80 foi necessário também que as comunidades elaborassem um novo jeito de ser e se organizar, visto

que não mais tinham a proteção das sinagogas como instituição religiosa lícita, devido às decisões tomadas pela incipiente escola rabínica, no Concílio de Jâmnia (veja abaixo). O livro de Atos mostra que as comunidades cristãs inicialmente se reuniam no Templo, nas sinagogas e nas casas. O modo mais comum, após os anos 70, foi a organização eclesial nas casas, conhecida como ‘igreja doméstica’, na qual mulheres e homens exerciam cargos e funções eclesiais de liderança e de ministérios, como diaconia, profecia, ensino, missão.

3) As **Cartas** são escritos circunstanciais, por meio das quais o apóstolo Paulo e outras lideranças apostólicas e eclesiais buscavam influenciar e orientar a *práxis* pessoal e comunitário-social de pessoas que aderiram à fé em Jesus, confessado como Messias. Foram escritas nos anos 50 (autênticas de Paulo) e nas décadas subsequentes. Temos sete cartas autênticas de Paulo (1Ts, Gl, 1Co, 2Co, Fp, Fm, Rm), três deuteropaulinas (2Ts, Cl, Ef), três pastorais (1Tim, 2Tim, Tt), cinco gerais (Hb, Tg, 1Pe, 2Pe, Jd) e três joaninas (1Jo, 2Jo, 3Jo).

4) O **Apocalipse** é dirigido para sete comunidades da Ásia Menor e objetiva desvelar as realidades do mundo de forma apocalíptica, com linguagem profundamente simbólica e com mensagem de cunho teológico-político. Desmascarando injustiças e dominação, perseguição e posturas eclesiais favoráveis ou prejudiciais ao Reino de Deus, o texto tem por objetivo fortalecer a fé e a esperança e dar consolo em situações de perseguição e de ameaças advindas do sistema da *pax romana* e de parte de lideranças do incipiente movi-

mento rabínico (conflitos externos), bem como denunciar ‘heresias’ emergentes (conflitos internos). O texto foi escrito em torno do ano 95, no contexto do governo e da perseguição do imperador Domiciano.

Com a escrita, a elaboração e a organização desses textos do Novo Testamento, pessoas e comunidades buscavam testemunhar sua fé, interpretar as Escrituras, as tradições e as realidades com base na experiência religiosa centrada em Jesus de Nazaré, confesso como Cristo. Assim, intentavam também (re)construir sua identidade em tempos de perseguição ocasionada por Nero (década de 50) e no período da guerra dos romanos contra os judeus nos anos 66-70, que culminou com a destruição da cidade santa Jerusalém e das instituições religiosas oficiais judaicas.⁷

Em sua recente história, as comunidades cristãs tiveram que se (re)organizar, resistir e agir dentro das realidades da dominação socioeconômica e político-cultural romana. Após a guerra tiveram que enfrentar também as hostilidades por parte do rabinismo judaico nascente, que, principalmente a partir do Concílio em Jâmnia em 80, buscava organizar-se como ‘escola’ num processo de reconstrução de herança e identidade. Nesse momento histórico, as comunidades cristãs foram expulsas das sinagogas, acusadas de ‘seita’ herética do judaísmo por confessar Jesus como Messias, colocando, assim, em risco a reorganização judaica após a destruição de Jerusalém e suas instituições sagradas. As comunida-

⁷ Devido à importância desse período histórico para comunidades judaicas e cristãs, no processo de sua (re)organização no século I, denominamos essa guerra de Grande Guerra.

des judaicas encontravam-se sob rigoroso controle por parte de autoridades romanas, estando sob o 'fisco judaico' e a repressão militar a qualquer sinal de organização e exposição ilícitas. As comunidades cristãs, confessando Jesus como Senhor, Rei e Deus e construindo formas de vida ideologicamente distintas do *status quo* dominante, chamavam a atenção e colocavam em risco essa esperada segurança de pessoas e comunidades judaicas que buscavam refazer-se dos traumas da Grande Guerra.

Assim sendo e de forma resumida, o seguimento a Jesus após sua morte e ressurreição deu continuidade ao movimento de Jesus em situação de continuados conflitos internos e externos. O discipulado de pessoas igualadas em Cristo buscava organizar a vida pessoal e comunitária com base em experiências e testemunhos de fé que tinham como fundamento a vida e a *práxis* libertadora de Jesus. Essas formas de organização não eram homogêneas, mas vinham marcadas pela heterogeneidade, pelas diferenças, sendo que havia comunidades de origem judaica, gentílica, mistas em suas origens étnicas, sociais e de gênero. Havia lideranças de homens e de mulheres, de pessoas escravas, libertas e livres. Cada qual interpretava o 'evento' Jesus Messias a partir e para dentro de suas próprias experiências religiosas e necessidades pessoais e comunitário-sociais, com base em suas heranças culturais e buscando (re)construir sentido para sua existência.

O movimento de Jesus é entendido por nós como parte de um processo intrajudaico de renovação, sendo que Jesus de Nazaré, filho de Maria e José, era seu líder. Ao lado

desse movimento havia outros, pacíficos e armados, como, por exemplo, os movimentos de João Batista, de Judas Galileu e, mais tarde, o movimento de Bar Kochba. No próprio movimento de Jesus havia discípulos e discípulas de várias tendências político-teológicas, inclusive zelotas. A diversidade, portanto, está presente desde o início e é valorizada no projeto maior que diz respeito a cada pessoa, grupo e comunidade.

Tratava-se de um movimento itinerante, carismático, profético-messiânico, que tinha propostas de partilha e comunhão de bens e de dons, de sabedoria e conhecimento. Jesus e seu grupo propunham-se a vivenciar sinais de mudança na vivência de sua espiritualidade, que se centrava na interpretação e na vivência de tradições e escrituras do povo judeu, em sua especificidade galilaica. A Boa-Nova, ‘evangelho’ do Reino de Deus, concretizava-se na vivência, no ensino, nas curas, na acolhida, na crítica e na denúncia de injustiças e violências, no questionamento da economia e do sistema de dominação, no repúdio à ganância, ao ódio e à sede de vingança. O grupo tinha sua identidade religiosa e, como tal, participava de celebrações e estudos realizados nas casas e nas sinagogas, peregrinava para as grandes festas no Templo em Jerusalém, discutia com seus companheiros escribas e fariseus, acolhia pessoas necessitadas, doentes e de outras origens étnicas, mulheres, crianças e homens. Jesus era considerado taumaturgo, terapeuta, mestre e sábio profeta, que organizou em torno de si um grupo de lideranças femininas e masculinas, às quais confiou sua proposta de vivência do Evangelho, como sendo expressão da presença do Reino de Deus.

Esse movimento de renovação teve continuidade após a morte de Jesus. A experiência religiosa da ressurreição de Jesus, o testemunho realizado primeiramente por mulheres e depois por grupos e comunidades, entre eles também os apóstolos Paulo e Pedro, serviram de referência que devia orientar a fidelidade e as propostas missionárias no trabalho de organização de comunidades. O testemunho da ressurreição e da *práxis* libertadora vivenciada com Jesus fez surgir, em vários e diferentes lugares no entorno do Mar Mediterrâneo, desde o sul da Itália até o norte da África, desde as praias da Espanha até os montes orientais da Síria, várias e diferentes comunidades (*ecclesiae*), que se reuniam em casas e pautavam seus valores e suas vidas na proposta do Reino de Deus que chegou com Jesus e se faz presente entre nós, em sinais de justiça e de paz.

Os textos do Novo Testamento permitem reconhecer várias características internas nas comunidades e várias diferenças entre as comunidades e gerações cristãs. Nesse sentido, é relevante perceber que, nessas comunidades ou igrejas que se reuniam nas casas, foram elaborados os primeiros hinos e doxologias cristãos, como, por exemplo, Gálatas 3,26-28, Filipenses 2,5-11 e Colossenses 1,13-20. Nelas, a partir do final dos anos 70, também foram elaboradas as ‘tábuas domésticas’⁸, como as que constam em Colossenses 3,18-4,1, Efésios 5,22-6,9 e 1 Pedro 2,13-3,7. Essas diferentes concepções e tradições circulavam entre as comunidades, levadas

⁸ A respeito do tema e de seus conteúdos no contexto patriarcal do século I, veja várias e importantes contribuições de Marga J. Ströher (1998, entre outros).

por pessoas peregrinas, artesãs e pequenos/as comerciantes. Compartilhavam-se cartas apostólicas e delas se faziam cópias. Fizeram-se também pequenas coleções de ditos, ensino e polêmicas de Jesus, compilaram-se panfletos de parábolas, de curas e milagres, informações biográficas. Tudo isso, no período e após a Grande Guerra, passou a ser organizado por grupos de comunidade, dando-lhe a forma de ‘evangelhos’.⁹

Assim, os Evangelhos e demais textos do Novo Testamento são fruto da continuidade do movimento de Jesus em suas diversas expressões e realidades socioculturais a partir de meados do século I. No princípio, portanto, havia a diversidade, a heterogeneidade, as quais estavam também perpassadas por conflitos, como facilmente pode ser verificado pela leitura dos textos acima mencionados.¹⁰ Havia experiências, posturas ideológicas e grupos que reivindicavam submissão e subordinação de mulheres, jovens, crianças e pessoas escravas e, por outro lado, havia grupos que afirmavam a participação plena e igualitária dessas minorias qualitativas no trabalho de construção e organização comunitária e missionária (Rm 16,1-16; Mc 16; Mt 27-28; Lc 23-24; Jo 19-20; At 1,14, entre outros). A escrita e a organização dos Evangelhos começaram a ser realizadas nesse momento, buscando resgatar as origens da fé cristã na *práxis* libertadora de Jesus, testemunhada e interpretada por pessoas e comunidades.

⁹ Maiores detalhes sobre o processo de formação dos Evangelhos, com referências, veja em meus artigos em *Estudos Teológicos* (2010) e *Phoenix* (2007). Trabalho detalhado foi realizado, por exemplo, por Vielhauer (2005) e Koester (2005).

¹⁰ Semelhante abordagem dos cristianismos em suas origens judaicas de várias tendências às vezes contraditórias é feita por Paulo A. S. Nogueira (2010, p. 26-7).

Se percebermos o movimento de Jesus e sua continuidade na formação das *ekklesiai*, marcada pelas diversidades e também por conflitos, é importante dizer que essa característica é observada nos e a partir dos próprios textos do Novo Testamento, os quais igualmente provêm de comunidades, contextos e tempos bastante distintos. É diferente, p. ex., apreciar e analisar a afirmação numa carta autêntica do apóstolo Paulo, escrita em torno do ano 53, como Gálatas 3,26-28, e fazer o mesmo exercício com texto escrito por ‘aprendizes’ do apóstolo, de segunda geração, que escrevem, décadas mais tarde, palavras encontradas nas ‘tábuas domésticas’, acima referidas. O conteúdo é diferente e oposto à *práxis* e ao ensino do apóstolo Paulo.¹¹ O tema é o mesmo, mas a abordagem e as ‘prescrições’ ético-eclesiais são totalmente distintas. Se compararmos, além disso, essas duas tendências presentes nessas tradições textuais das cartas com textos evangélicos que testemunham a *práxis* libertadora de Jesus, veremos outras e maiores contradições em relação a temáticas iguais ou semelhantes, como a da participação plena e igualitária de mulheres, crianças e pessoas marginalizadas.

Por isso, é necessário fazer uma acurada análise dos textos, das tradições e dos processos de interpretação dos mesmos. Nesse sentido, o trabalho exegético e hermenêutico é exigência acadêmica e pastoral. Interpretar é uma arte árdua, séria e que deve ser cuidadosa e bem cuidada. Exegese é o trabalho para explicar o texto, aclarando palavras, si-

¹¹ A esse respeito veja discussões e referências na tese doutoral de Keila Matos (2010) e no comentário de 1 Coríntios, escrito por Gottfried Brakemeier (2008).

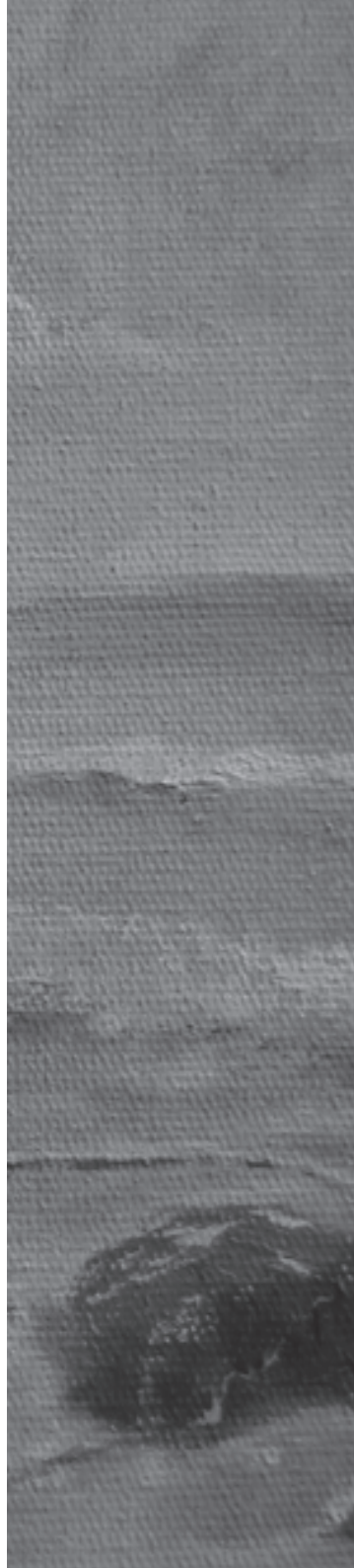
tuações e relações presentes, buscando compreendê-las no contexto em que foram elaboradas.

Procuramos, portanto, adentrar o contexto histórico-social, religioso, econômico e cultural de tempos passados para melhor compreender os enunciados dos textos bíblicos, intentando que primeiramente seja ouvida também a intenção do próprio texto e/ou de quem o escreveu e compilou. Além disso, é necessário perguntar pela função e pelas propostas teológicas, éticas e doutrinárias do texto para o seu tempo, e em que medida elas podem ser aceitas, revistas ou relativizadas no processo de interpretação.¹²

¹² Para significado, sentido e necessidade do trabalho exegético-hermenêutico, bem como os vários e diferentes métodos interpretativos, veja obra do exegeta brasileiro Uwe Wegner (1998, p. 11-23).

2 Abrindo olhos, corações, mentes, mãos, ouvidos e entranhas

Falar da temática proposta neste livro não é totalmente novo. O tema 'terra' não é algo novo. A luta pela terra é antiga. Antiga também é a questão da água. A luta pela terra e pela água, bem como seus embates, é milenar. Ela continuará sendo, também neste milênio, uma das expressões de movimentos e organizações de ecologia, classe, etnia e gênero que marcará nossa história. Visto no todo, novo também não é o desafio de ligarmos esses dois componentes imprescindíveis à vida (terra e água) ao elemento religioso, igualmente indispensável para uma vida boa, expressa também na espiritualidade. Novo, então, talvez seja o fato de precisarmos, mais do que nunca, mudar concepções e posturas milenares nos pouquíssimos anos – alguns cientistas falam de dez anos – que nos restam para retardar os efeitos desastrosos que sistemas, ciências e tecnologias consumistas e acumulativas de exploração



e falta de cuidado causaram e continuam causando à vida da ‘Terra, planeta Água’.

Se a questão da água é antiga, isso não significa que dela nos ocupamos e sobre ela refletimos na mesma proporção como já fizemos com a questão da terra. Isso talvez tenha se desenvolvido dessa forma por causa da priorização dos desafios e das demandas político-sociais das últimas cinquenta décadas, da urgente necessidade de distribuição da terra, da questão agrária e fundiária em nosso contexto e tempo históricos. Nessa dinâmica foram criados movimentos e pastorais em função da questão da terra: a Pastoral da Terra, o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) e, mais recentemente, os movimentos relacionados à Agroecologia.

Nesse processo de conscientização e de luta pela terra, a Bíblia e a pesquisa de tradições bíblico-teológicas têm sido relevantes no acompanhamento e na assessoria de pessoas e grupos organizados em nível pastoral-ecclesial e social. Sem dúvida, essa caminhada foi e continua sendo fundamental para a afirmação dos direitos humanos de milhares de pessoas que precisam de terra para viver. Essa caminhada, porém, cada vez mais também está percebendo e considerando que a luta pelos direitos humanos de pessoas que necessitam da terra para trabalhar e dela obter seu sustento deve estar e manter-se profundamente relacionada aos direitos da própria terra! Não a exploração, não o acúmulo, não apenas a justa (re)distribuição da terra, mas o descanso da terra¹³ pre-

¹³ Veja contribuições na Revista *IHU Online*, n. 346, com o tema Tempo da Criação, disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=346>. Acesso em: 30 out. 2010.

cisa tornar-se centro de reflexão e bandeira de luta que devem ser contemplados, garantidos e realizados por políticas públicas democráticas e comprometidas com a vida em sua plena dignidade.

O acesso à terra boa e a felicidade que nela quer ser construída pressupõem uma espiritualidade do cuidado, que deve estar presente tanto na vivência pessoal quanto na elaboração de políticas agrárias, fundiárias e político-sociais. O acesso à água boa é uma necessidade que se torna ameaça à vida no momento em que esse acesso é controlado por senhores e sistemas globais que transformam a água, que é fonte da vida, em fonte de lucro, dominação e futuro motivo para guerras. Essa ameaça conclama pessoas, movimentos e governos a preocupar-se e ocupar-se com a preservação imediata e eficiente dos mananciais e lençóis freáticos em seu meio ambiente, em níveis local, regional, nacional e global.

Não faz muito mais do que uma década que começamos a colocar também a água como prioridade na realização de nossos trabalhos bíblico-teológicos, político-pastorais e acadêmico-sociais. No início, e ainda hoje, ela estava ligada ao conjunto de preocupações em relação à finitude dos recursos naturais: também a água pode acabar! E não há possibilidade de vida sem água. Foi nesse contexto com a preocupação de 'nossa' vida que a água passou a merecer mais nossa atenção. Diante da ameaçadora realidade cada vez mais presente da escassez da água, do perigo de guerras por causa da água (e não mais tanto por causa do petróleo ou do pré-sal), da realidade de que o Brasil tem um dos mais potentes e significativos mananciais de água doce do mundo e confron-

tados/as com a já real exploração e comercialização de água por empresas nacionais e internacionais¹⁴, vamos sendo compelidos/as a mergulhar em nossas águas com a história e as tradições bíblicas ‘ambientalistas’ nas mãos.

Outra observação que é necessário tecer, em princípio, é reconhecer que a maioria de nossas abordagens acerca da terra e da água tem sido realizada numa perspectiva que podemos chamar de *extra nos*, isto é, a partir de desafios e realidades que se impõem a partir de fora. Vimos e refletimos sobre essas questões como algo que está fora de nós, além de nós, mas que mesmo assim está aí ‘para’ nós, deve estar a nosso dispor para nosso usufruto e benefício, enfim, para ‘nossa’ vida; e se água e terra faltarem, nós morreremos. No centro, então, continua uma perspectiva antropocêntrica! Mesmo que nossas abordagens reconheçam que a destruição e a ameaça desses recursos naturais (como de outros, como os minérios, o petróleo...) tenham a ver diretamente também com a (inter)ação e intervenção humanas, como desmatamento, consumismo, produção de lixo, desperdício, poluição, desvios de rios de seus leitos naturais, etc., isso ainda não chegou a significar que tudo está necessária e intrinsecamente vinculado e relacionado conosco e com nossos corpos, a partir de sua própria composição bioenergético-natural. Somos 70% água, temos composição de terra e também partículas subatômicas, e ondas eletromagnéticas fazem parte

¹⁴ A empresa Coca Cola, por exemplo e entre outras, há 60 anos no Brasil, encontra também nas águas grande fonte de lucro com marcas como Bonáqua e Crystal, o que pode ser visto em seu *site* www.cocacolabrazil.com.br.

de nós e nos interligam com toda a vida no planeta e no universo!¹⁵

Levando a sério as novas descobertas nos campos da Física e da Biologia, deveríamos conscientizar-nos e talvez nos tornar mais aptos/as e hábeis para uma solidariedade primária e substancial para com todas as formas de vida. A partir dessa *práxis* solidária na construção dos saberes e fazeres, poderemos diminuir ou transformar o acelerado processo de desintegração da natureza num processo de arrependimento, cuidado e reverência diante da vida.

Assim, teremos de continuar aprendendo, revendo, refazendo. Perceberemos a impossibilidade de continuar enfocando a terra ou a água de maneira isolada e como se fosse algo *extra nos*. A própria experiência da ‘mão que planta’ mostra que não dá para trabalhar a terra sem mexer com água e com microvidas; não dá para espelhar a água sem revolver a terra; não dá para refletir terra e água sem contemplar nossa história, nossos corpos entrelaçados no conjunto da criação.

E assim será muito anacrônico continuar existindo, por exemplo, uma Pastoral da Terra ou algum movimento ambientalista-ecológico que não seja necessariamente uma pastoral e um movimento dos corpos, abordando a interdependência de todos os elos da criação, integrando a realidade e as relações de todos os corpos, construindo e brigando pelos direitos humanos e pelos direitos da terra, da

¹⁵ O teólogo brasileiro Leonardo Boff trata em seus muitos escritos (por exemplo: 2000 e 2009) da interdependência também pela composição de nosso organismo e do cosmos.

água, dos animais, das plantas e, considerando nesse conjunto, a *práxis* da espiritualidade. Com nossas tradições bíblico-teológicas aprendemos que nosso corpo provém da terra e voltará a ela; somos corpo-terra. A nova consciência e a nova *práxis* terão de aprender, ensinar e afirmar que somos corpo-terra-água-ar-éter e que a qualidade de toda a vida está interligada.

Dentro dessa busca por consciência e *práxis* transformad(or)as já contamos com respostas aos desafios que se vão colocando nesse nosso mundo globalizado, no que diz respeito à atuação de instituições religiosas. Assim, em 2004, a Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB) promoveu a Campanha da Fraternidade, tematizando “Fraternidade e Água – Água, Fonte de Vida”, num recorte temático significativo na época e que contribuiu, indubitavelmente, para processos de conscientização. Na dinâmica de uma temática anual, porém, corre-se o risco, em todos os fóruns, de ‘atropelar’ prioridades, sendo que fica difícil um aprofundamento da questão em si e a projeção de propostas propositivas mais duradouras. Também o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), a Federação Luterana Mundial (FLM), o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) e a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) lançaram campanhas com essas temáticas.¹⁶ No mês de outubro de 2010, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) teve em

¹⁶ Entre os seus mais de dez mil projetos a CESE apoia institucionalmente o Projeto Cisternas na Bahia. Maiores informações veja nos *sites* www.cese.org.br e www.caabahia.org.br.

seu XXVII Concílio Nacional como tema “Paz na Criação de Deus”, sendo que também foram feitas proposições de reflexão e atuação muito concretas para pessoas e paróquias luteranas em profundo espírito e comunhão ecumênicos.¹⁷

Todas essas iniciativas e esses trabalhos de formação ecumênico-ecológica não são apenas válidos, mas necessários, porque contribuem e agregam esforços no processo de conscientização, no alerta e na denúncia de que os recursos naturais não são eternos. Eles têm limite e finitude, e a riqueza da biodiversidade precisa ser cuidada, preservada e garantida.

Nesse processo, essas organizações e instituições religiosas e populares precisam, cada vez mais, interagir e intervir profeticamente junto a órgãos político-governamentais em níveis local, regional, nacional e internacional para que, em termos político-ideológicos e econômico-sociais, a preservação e a recuperação de biodiversidades e ambientes sejam contempladas e realizadas nas políticas públicas e governamentais em todos os povos e nações.

O caminho que fomos e vamos fazendo está cheio de desafios, descobertas, alegrias e decepções. É preciso ter muita esperança perseverante para não desistir diante de ‘monstros’ que ameaçam e destroem e que, de forma sedutora e eficaz, fazem seu *marketing* influente, criando demandas para arrebanhar mais adeptos de consumo desenfreado

¹⁷ Notícias, mensagem e palestra proferida por Haroldo Reimer podem ser encontradas no *site* www.luteranos.com.br.

e desnecessário. É tempo *kairológico* de dizer NÃO a essas seduções e tentações e, ao contrário, aderir e lançar-se em campanhas ambientalistas no apoio real a decisões tomadas democrática, local e globalmente!

É nesse caminhar e nesse despertar que vamos tecendo um novo paradigma e novas epistemologias, a fim de compreender as experiências locais e globais que estão profundamente ancoradas no e interdependentes com o ambiente no qual vivemos, sabendo que também o ‘nosso’ ambiente é global.

Compreender, porém, não basta. É necessário agir e pautar agendas de forma coerente com o conhecimento construído. É necessário conhecer nosso conhecimento! É preciso indagar nosso saber e nossas ciências a partir das consequências desse saber transformado em tecnologia, desenvolvimento e pesquisa.¹⁸ É necessário saber em que estão sendo investidos nossos recursos materiais e humanos, públicos e privados. É preciso questionar paradigmas e saberes antropocêntricos e patriquiriarcais¹⁹ que se estendem sobre todos os seres, espaços e lugares em forma de domínio, violência e prejuízo para a maioria.

¹⁸ A respeito da temática, das relações e do necessário diálogo entre fé e ciência veja contribuições significativas do mundo luterano em NovOlhar (2010).

¹⁹ O antropocentrismo caracteriza-se em pautar reflexões e ações, tendo o ser humano no centro de tudo. O patriarcado refere-se a sistema, estrutura e mecanismos de dominação e subordinação que têm como centro e referência o homem ‘chefe’ proprietário, que tem em suas mãos o poder de decisão e de ação sobre todas as pessoas que lhe são subordinadas. O *quiriarcado* está intimamente ligado ao patriarcado como sistema de dominação do “senhor” sobre as demais pessoas sob seu domínio e (co)mando. Sobre definições e conceitos veja especialmente Elisabeth Schüssler Fiorenza (2009, p. 132-143).

É preciso apoiar novas tecnologias que respeitem, cuidem e preservem o ambiente, usufruindo ao máximo das fontes naturais para a geração de energia e de renda dentro de propostas ecológico-ambientais e sociopolíticas da sustentabilidade com qualidade de vida para todos os seres. É preciso, enfim, colocar-se a caminho e a serviço na construção continuada e autocrítica de paradigmas e saberes em perspectiva holística, não dualista e de libertação, de reciprocidade solidária contra todos os sistemas que viabilizam e sustentam processos de violência, exploração e destruição.²⁰

Enfim, a vida e a ameaça à vida fazem-nos refletir sobre nossa história, nossa *práxis* nas academias, igrejas, pastorais, nos movimentos, grupos políticos, em espaços democráticos. Também nos convidam a refletir sobre nossas origens, sobre a interdependência entre os elos de toda a criação, sobre o sentido da vida ou a necessidade de sua ressignificação.

Nos estudos realizados e que serviram de base para a construção deste livro buscamos inspirações na vida boa ameaçada e em textos sagrados da tradição judaico-cristã, a fim de perscrutar a importância que terra, água e espiritualidade tiveram para pessoas que nos precederam na fé e na luta para podermos, de alguma forma, continuar construindo relações que tenham como objetivo a percepção e o carinhoso respeito transformado em cuidado e preservação da

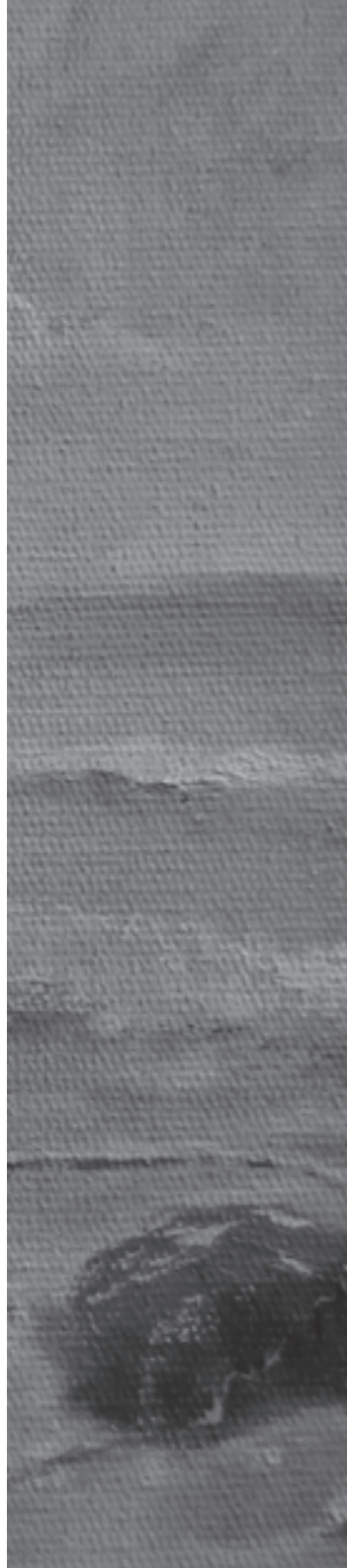
²⁰ A respeito da centralidade ecofeminista em todos os níveis de relação veja antologia de textos de Ivone Gebara (2010). Capítulo relevante sobre ecofeminismo e os desafios para o direito à diferença e a diferença dos direitos encontra-se em Luc Ferry (2009, p. 191-216).

integridade da criação. Para tal abordaremos alguns textos do Novo Testamento, entendendo-os dentro de seu contexto de vida e morte.

Perceber a sabedoria, a resistência direta e sutil, bem como posturas transformadoras que provêm da fé, pode alimentar a esperança que se torna *práxis* libertadora. Nesse sentido, a reflexão teológica evidencia-se como uma dimensão vital questionadora de relações que se baseiam em dominação e violência e como uma postura que reivindica e sustenta relações na construção de paz que brota da justiça.

3 Terra, cuidado e gratuidade: sabedoria que brota de sementes

Lendo e analisando os textos do Novo Testamento na perspectiva acima esboçada, percebo que a questão da terra, do cuidado e da gratuidade é frequentemente abordada no gênero literário conhecido como 'parábola'. No judaísmo e, portanto, também no movimento de Jesus, parábolas eram utilizadas para transmitir ensinamentos a partir das realidades vividas pelas pessoas no seu dia a dia. Também Jesus utilizava esse recurso em sua pedagogia transformadora. Ele observava a vida em suas relações cotidianas e transformava-a em fonte de inspiração para ensinamentos profundos e questionadores. As parábolas falam de coisas cotidianas e objetivam, pedagogicamente, transformação de comportamento. Assim, conhecendo a vida do trabalho na terra, Jesus convida quem o ouve a refletir sobre o sentido da vida e de nossa participação na construção do Reino de Deus.



Os evangelhos apresentam várias parábolas que utilizam a semente e o trabalho na terra para falar da dinâmica do Reino de Deus numa linguagem simbólica que nos remete também a uma realidade transcendente. A ação transformad(or)a do sujeito objetiva algo concreto em sua dimensão real e transcendental. Tomamos apenas três dessas parábolas, contidas no Evangelho de Marcos, para visualizar esse procedimento. Porém, não é nosso interesse aqui interpretar as parábolas, mas apenas mostrar como Jesus partia da realidade conhecida para apontar para uma nova realidade.

No quadro abaixo, anotamos apenas a passagem bíblica do Evangelho de Marcos, o objeto e o sujeito da parábola, a comparação feita e o objetivo do trabalho:

- 4,1-20 – a parábola do semeador: Deus → agricultor que planta → dar frutos
4,26-29 – a parábola da semente: Reino → semear, descansar; terra: vida própria → produzir
4,30-32 – a parábola do grão de mostarda: Reino → semear, crescer → abrigar

Essas parábolas foram narradas e escritas em tempos de ocupação da terra da Palestina pelo sistema de dominação romana no século I. Os romanos conquistaram-na e militarmente garantiam sua ocupação. Da terra e de seus frutos tiravam a riqueza *in natura* e em forma de impostos e taxas, o que fazia Roma e seus agentes resplandecerem em riqueza e luxo. Na terra ocupada havia várias formas de tomar partido diante dessa situação. Havia grupos e pessoas que se aliavam aos novos senhores; grupos que lutavam com armas para con-

quitar libertação; grupos que atuavam sutil e subversivamente em movimentos que hoje chamaríamos de grupos de não violência.²¹

As parábolas mencionadas podem ser interpretadas de várias formas. Por exemplo, elas podem ser entendidas dentro de movimentos intrajudaicos, como o de Jesus, que resistem às estratégias e táticas do movimento zelota, o qual busca uma revolução armada para expulsar os romanos e reconquistar a terra. Nesse sentido, as parábolas das sementes alertam que é tempo de luta não armada, de reflexão que exige sabedoria, indicando que a vida brota e resiste dentro das adversidades e que a força da vida consiste na sua gratuidade.

As parábolas carregam a memória de que a terra produz sem objetivar lucro, que a árvore que cresce da terra dá seus frutos e seu abrigo para quem passa andando ou voando. Resistir em meio a situações de guerra e conflitos de maneira não armada exige muita sabedoria e resistente paciência! Trata-se de valorizar a vida pelo valor que a própria vida tem.

Essa sabedoria faz parte do ensino de Jesus e está relacionada com a experiência que ele teve com a terra no contexto da ocupação romana. A sabedoria de Jesus, herdada de seus ancestrais, quer também apontar para a liberdade que deve brotar da terra, bem como para a confiança que devemos ter em Deus:

²¹ Sobre a formação e existência desses diversos grupos, suas ideologias e estratégias veja, p. ex., Martin Goodman (1994, principalmente p. 201-228) e Émile Morin (1988, p. 104-114).

Observai os corvos; eles não semeiam, nem ceifam, não têm despensa nem celeiros; todavia Deus os sustenta [...] Observai os lírios do campo; eles não fiam, nem tecem. Contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais tratando-se de vós, gente de pequena fé! (Lc 12,24-28)

Jesus fala da terra de tal maneira que nos ensina que ela não está aí para ser explorada. Seus frutos não devem ser acumulados, como nos mostra o exemplo da parábola do latifundiário ganancioso e avarento (Lc 12,13-21). A ansiedade ligada ao acúmulo, ao invés de gerar vida e satisfação, gera doença e perdição. O fruto da ganância é a exploração da terra e da força de trabalho das pessoas, o que não resulta em abundância para toda a gente, mas na falta de comida para a grande maioria do povo.

Em oposição à postura de vida gananciosa e dominadora, Jesus aposta na gratuidade da vida para as aves do céu, os lírios do campo, para todas as criaturas, entre elas as pessoas. Dentro desse contexto, a missão e a participação nesse projeto de gratuidade é o compromisso com o Reino de Deus e a sua justiça. Esse compromisso garante que as pessoas serão saciadas e viverão em harmonia com o todo da criação de Deus (Lc 12,31).²² A proposta é de partilha e solidariedade, de abrigo para quem sofre perseguição e de consolo e apoio a quem se encontra desesperançado devido às perdas já sofridas e à falta de perspectivas que se abate sobre suas vidas.

²² O compromisso, o respeito e o cuidado para com a terra também são um dos referenciais básicos que consta na Carta da Terra, em Leonardo Boff (2000, p. 95; 2009).

A sabedoria de Jesus, que transparece nas parábolas, ensina a viver em liberdade e a resistir digna e pacificamente em meio ao turbilhão das corrupções e corridas gananciosas, competitivas e hostis. Ela tem como objetivo a construção da esperança que persevera na justiça e na paz que brota dessa justiça. Isso faz parte do anúncio de uma nova realidade, que se vislumbra como novo céu e nova terra (Ap 21,1-8).

Contudo, será que esse jeito de falar da terra e do trabalho na terra não é ingênuo e romântico, vindo de gente que vivia uma situação de ocupação territorial e de exploração em todos os sentidos e que provavelmente já nem mais vivia no campo, mas na cidade? Ou será que este não é exatamente um jeito sábio de falar e viver a resistência em tempos²³ de opressão violenta, em que opressores colhem o fruto dos campos ocupados, tolhendo também a vida dominada de crianças, mulheres e homens? Pode ser que este talvez seja o jeito de falar de gente, cuja alma ainda não está 'ocupada', é campesina e ainda tem esperança para construir e lutar por sua utopia com base na realidade presente e passada.

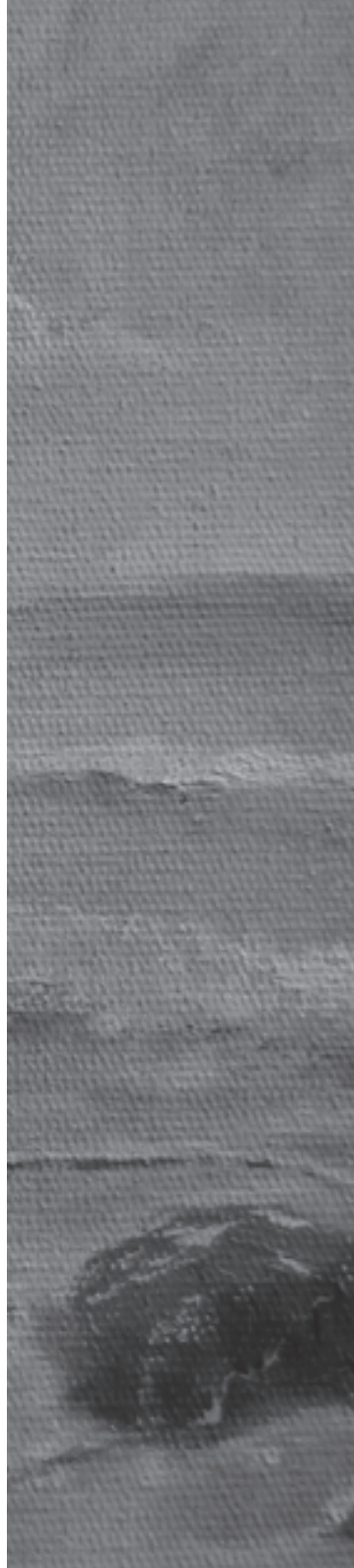
²³ O texto do Evangelho de Marcos é escrito por volta do ano 69-70; o de Lucas por volta do ano 80.

4 “A terra é de Deus” e “estrado de seus pés”?! A situação político-fundiária na Palestina no século I

A Palestina no tempo do Novo Testamento faz parte de um enorme território em torno do Mar Mediterrâneo, ocupado pelos romanos. A política imposta por Roma por meio de seus imperadores, procuradores, cônsules e exércitos necessitava de reis e funcionários autóctones vassallos que conhecessem a cultura, a religião e os costumes do povo e que fossem responsáveis diretos pela garantia da governabilidade externa na própria terra. Esta é, por exemplo, a situação durante a dinastia herodiana.²⁴

A ocupação da terra e o domínio sobre ela estão vinculados com uma série de medidas políticas, econômicas e fundiárias. Essa situação, como veremos, não corres-

²⁴ Sobre reis vassallos, principalmente a família dos Herodes, veja Richard Horsley; John S. Hanson (1995, p. 43-53) e Eduard Lohse (2000, p. 29-41).



ponde às afirmações teológicas judaicas de que a terra é de Deus (Lv 25,23; Sl 24,1; 1Co 10,26), “estrado de seus pés” (Is 66,1; Mt 5,35) e que a terra da Palestina/Israel foi dada por Deus a seu povo para que nela vivesse em paz e abundância (Êx 3,8; Gn 12,1; At 7,3). Isso sinaliza para um grande conflito político-ideológico a respeito da legitimidade de quem é rei e soberano sobre a terra: o imperador ou Deus. Isso indica também os conflitos e abismos existentes entre a profissão de fé, a cultura religiosa e as realidades político-sociais.

4.1 Terra, exploração e riqueza

Como é que Roma extraía riqueza da terra da Palestina bem como de outras terras conquistadas, como, p. ex., da então fértil região norte da África? Citaremos aqui apenas algumas formas de enriquecimento das elites dentro do sistema da *pax romana* e seus aliados:

a) Os povos conquistados tinham que pagar indenizações a Roma pelos prejuízos de guerra que ela tinha nas ofensivas contra esses povos.

b) Com a ocupação da terra dava-se também a exploração da mão de obra e a escravização das pessoas do lugar, principalmente as mais jovens, que, com seus trabalhos forçados, realizavam a construção de estradas, aquedutos e pontes²⁵ para

²⁵ “As nossas mãos e os nossos corpos são maltratados sob pancadas e vitupérios na construção de estradas através de florestas e pântanos”, afirmou o cônsul romano Tácito, reportando-se à fala dos vencidos bretões em seu livro *Agrícola* 31,1, traduzido por mim (2006, p. 74). Para aprofundar a questão tratada nesse parágrafo, leia Klaus Wengst (1991) e meu texto sobre as relações de poder político-social no Império Romano (2006a).

a implementação dos projetos imperiais e os fluxos de riqueza em direção a Roma.

c) Funcionários imperiais alocados em todas as províncias e regiões conquistadas cobravam impostos *per capita*, por produção e circulação de mercadorias, por exercício de atividades profissionais, entre elas também o artesanato e a prostituição.²⁶

d) Havia também as taxas alfandegárias, pedágios, etc.

Essas medidas de extração de dinheiro do povo estavam intrinsecamente ligadas com outras medidas político-econômicas. No caso da terra, isso significou intervenção também na política fundiária. Após a ocupação, a distribuição da terra dependia de Roma. Os imperadores confiscavam as terras da população autóctone, geralmente por causa de dívidas oriundas da impossibilidade de pagar os impostos, e entregavam-nas a seus fiéis funcionários, militares ‘aposentados’ e amigos que se situavam nas famílias senatoriais, de cavaleiros e de vereadores. Estes passavam a ser os maiores latifundiários espalhados por todo o Império Romano e eram, simultaneamente, a classe política que governava Roma e as colônias romanas espalhadas por todo o império.

Vamos exemplificar essa realidade. Nos anos 92-93, o imperador Domiciano confiscou o latifúndio de um homem

²⁶ Sobre a questão de impostos veja Haroldo Reimer; Ivoni Richter Reimer (1999, p. 143-145) e Uwe Wegner (2006a). A criatividade na invenção de novos impostos é tão grande, que o imperador Vespasiano chegou a criar o imposto sobre a urina e colocava vigias para controlar o povo fazendo suas necessidades físico-biológicas e, rindo, afirmava que “dinheiro não fede”. Note-se ainda que de muitos povos, especialmente do norte da África, os impostos eram cobrados *in natura*, isto é, por meio de cereais e especiarias que eram levados para Roma. Estes abasteciam a casa imperial e eram também vendidos no mercado público.

grego, no valor de 100 milhões de sestércios²⁷. O imperador também distribuía a terra conquistada, ocupada ou confiscada a seus veteranos de guerra, que com suas famílias recebiam pequenas propriedades nas províncias e colônias conquistadas. Os antigos proprietários, o povo dominado, passavam a trabalhar na sua antiga terra como pessoas escravas, arrendatárias ou diaristas ou tinham que migrar para outros lugares, geralmente periferias de cidade maiores. O trabalho dessa gente revertia em lucro e novos investimentos em terra e riquezas para os novos donos da terra. Com isso, o abismo socioeconômico e as hostilidades étnico-culturais eram aprofundadas cada vez mais.

Essas relações de dependência estão refletidas em algumas parábolas e narrativas de textos neotestamentários. Algumas parábolas de Jesus falam da dura vida de trabalho no campo, trabalho escravo realizado sob tortura, trabalho diarista, pessoas mal remuneradas que se debatiam com o endividamento e buscavam a sobrevivência diária (Mt 18,23-35; 20,1-16).²⁸ Essas relações de injustiça e dependência faziam surgir constantemente conflitos por causa da questão fundiária e a necessidade de reforma agrária em benefício do povo da terra, que agora já não a possuía mais. Nesse contexto, Atos 12,20 relata sobre um conflito entre o rei vassalo Hero-

²⁷ 4 sestércios correspondiam a 1 denário, que era o necessário para que uma família de três a quatro pessoas pudesse sobreviver durante um dia. Na época, o tamanho dos latifúndios situava-se, no mínimo, entre 150 a 300 *iugera* (entre 40 a 75 hectares). As pequenas propriedades tinham aproximadamente 10 *iugera* (2,5 hectares), o suficiente para uma pequena família produzir e sobreviver.

²⁸ Mais informações sobre essas questões são encontradas em Haroldo Reimer; Ivoni Richter Reimer (1999, p. 125-140).

des e os habitantes de Sidom e Tiro, cidades-estado até então independentes. O conflito foi abafado, porque essas cidades dependiam da produção agrícola que provinha das terras do rei. Aqui também é bom lembrar que ‘dar comida’ fazia parte da estratégia da pacificação forçada, visto que a máxima governamental “pão e circo” tinha como objetivo exatamente a obediente e servil submissão do povo.²⁹

4.2 Terra, impostos e resistência

Entre a resistência armada e a submissão passiva, ambas oriundas do insuportável sofrimento do povo, encontramos também a possibilidade da desobediência civil ou do sutil questionamento feito ao sistema de dominação. Apresentamos como exemplo a polêmica de Jesus com discípulos de fariseus e alguns herodianos acerca dos impostos que deviam ou não ser pagos a César (Mt 22,15-22; veja também Lc 23,2). Essa narrativa coloca Jesus e seu movimento diante de uma situação de impasse, que também demonstra a sabedoria de Jesus em sua sutil e radical atitude e postura que interpretamos como revolucionárias naquela situação. Vejamos:

“Devolvi a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, respondeu Jesus à questão se era ou não lícito pagar impostos a César. Em se tratando de afirmativa ou negativa ao pagamento de impostos, as interpretações desse texto são infundáveis. Como vimos, impostos estavam diretamente li-

²⁹ Sobre essas estratégias políticas veja Klaus Wengst (1991, p. 50-55).

gados à terra, ao trabalho na terra, às desapropriações advindas de endividamento que transformavam esposas, filhas e filhos em mercadoria escrava. Jesus também conhecia essa realidade, como mostram várias narrativas. Essa dinâmica do poder do mercado fez com que Jesus radicalizasse sua opção: as moedas com as inscrições de César são de César e foram feitas para pagar tributo. É por isso que elas devem ser devolvidas a ele. Junto com isso, porém, também deve ser devolvido a Deus o que é de Deus. E essa é a questão! O que, afinal, era de Deus?

Vimos acima que fazem parte de uma das grandes tradições teológicas do povo judeu a confissão e a reivindicação de que a terra é de Deus, o povo de Israel é povo santo de Deus. A terra é o “estrado de seus pés” (At 7,49; Mt 5,35 re- lendo Is 66,1). Como consequência, pode-se entender que Jesus reivindicou sutilmente que a terra de Deus, dada a seu povo, fosse liberta e que, uma vez desocupada, fosse devolvida a seu povo. Este poderia ser, então, um abafado grito por independência e autonomia da Terra Santa que é de Deus e, portanto, também símbolo de identidade do povo de Deus!

Na tradição judaico-cristã, compreende-se teologicamente que Deus governa a terra, colocando seu coração junto às pessoas que estão aflitas e abatidas, que sofrem os infortúnios causados pela ganância e pela injustiça de outras pessoas. Escravidão, trabalho forçado e impostos são algumas das causas do sofrimento do povo e da opressão e da exploração da terra. Na narrativa acima abordada, questionando não apenas a prática dos impostos, mas inclusive a política fundiária, Jesus questiona o coração que sustenta o Império Romano! Atentar con-

tra a terra de Deus é atentar contra a vida de todas as suas criaturas, inclusive contra o próprio Deus.

Podemos ilustrar essa compreensão de atentado à terra, de exploração da terra, com um autor contemporâneo da época de Jesus e dos evangelhos. Trata-se de Plínio, o Velho, biólogo historiador romano, em sua obra *História Natural*, capítulo 33, “sobre os metais”, onde afirma que a avareza e a ganância são a causa de todos os males. Ele questionou a ‘corrida do ouro’ na Antiguidade. Nisso ele expressa a noção da terra como corpo vivo. Por causa da ganância e na busca por ouro e prata os homens reviraram o útero, as entranhas da terra. Ele denunciou essa prática como crime contra a mãe-terra, que se vincula aos crimes contra a humanidade em sua forma de usura:

nós penetramos nas suas [da terra] entranhas e procuramos nas profundezas por tesouros, como se ali, onde ela [a terra] é pisada, eles não fossem abundantes e frutíferos o suficiente [...] Quem iniciou o pior crime contra a humanidade foi aquele que por primeiro colocou um anel de ouro no dedo [...] O próximo crime é introduzido por quem cunhou o primeiro denário [moeda romana] de ouro [...] e deste dinheiro brota a fonte da avareza, quando se planejou a prática da usura (Plínio, *História Natural* 33,2.8.42.48, traduzido por mim).

Naquele contexto, a exploração do ouro e de outros metais preciosos era feita pelos latifundiários, que simultaneamente eram os *émporoi*/“grandes comerciantes” da época, que tinham em seu poder as grandes redes comerciais, inclusive por meio de frotas mercantes. A ‘casa do imperador’ fazia parte e era uma das primeiras instâncias que fundiam a extração com trabalho escravo e a mercantilização

da matéria-prima e dos produtos manufaturados igualmente por trabalho escravo.

Exploração e sofrimento da terra eram compreendidos como andando junto com sofrimento e exploração de pessoas que, no campo e na cidade, serviam de mão de obra escrava ou barata para satisfazer a ganância de poucos homens que se tornam cada vez mais poderosos juntamente com suas mulheres, que buscavam ostentar o luxo oriundo dessas relações.

Declarar, nesse contexto, como fizeram as primeiras comunidades cristãs numa releitura do Antigo Testamento, que a terra é de Deus significa resistir e colocar-se totalmente no avesso a toda política e condução administrativa do Império Romano e das elites que simultaneamente se mantêm com esse sistema e o sustentam, tanto do ponto de vista econômico quanto ideológico.

4.3 Terra e identidade cultural

A partir da cultura popular de hoje e de ontem importa encorajar e asseverar a resistência para garantir também uma identidade pessoal e coletiva, visto ser ela um importante fator de coesão e de pertencimento. A identidade do povo está intrinsecamente ligada à terra e à sua relação com ela, a seu espaço vital livre e soberano. Isso tem a ver tanto com a terra como pedaço de chão para viver, resistir, produzir e ser feliz quanto com o território nacional, que igualmente deve ser livre e soberano, garantindo a felicidade e a paz do povo. No Novo Testamento, afirmar a pertença e o

acesso à terra era garantir a identidade cultural do povo também por meio do vínculo histórico com seus antepassados.

Nesse sentido, há ainda duas importantes palavras de Jesus que afirmam a soberania de Deus sobre sua terra e garantem a autonomia e liberdade de seu povo. Trata-se de Mateus 5,5 e 6,12. No Pai-Nosso³⁰, Jesus ensina a orar pelo perdão das dívidas. Isso implica também o anseio e a necessidade de libertar a terra, fonte de liberdade e vida, das mãos que usurpam o poder de Deus doado a seu povo. O perdão das dívidas tem como consequência a libertação da terra, que foi tomada do povo como indenização de guerra e pagamento de dívidas! Essa terra que deve ser libertada é prometida por Jesus ao povo da terra nas bem-aventuranças: as pessoas “mansas”, que sofrem sem oposição e resistência armadas, mas resistem com a preservação de sua cultura, da religião e da fé, têm a promessa de herdar a terra para nela viver bem: “Bem-aventuradas são as pessoas mansas, porque elas herdarão a terra” (Mt 5,5).

Jesus retoma o tema da herança da terra, prometida em tempos de escravidão aos patriarcas e matriarcas, e contextualiza-o em tempos de dominação violenta e de perda da autonomia político-econômica de seu povo. Com isso, a *práxis* libertadora de Jesus apontava para a necessidade de uma nova organização da vida a partir da terra, liberta e livre!

³⁰ A respeito do perdão de dívidas nas tradições do Pai-Nosso como tradição jubilar veja dissertação de Matheus G. Guerra Gama (2010); Haroldo Reimer; Ivoni Richter Reimer (1999), bem como meu capítulo sobre perdão de dívidas nos Evangelhos de Mateus e Lucas (2006a, p.135-157).

4.4 O apóstolo Paulo e uma teologia da terra

Numa releitura que o apóstolo Paulo fez do Salmo 24, ele afirmou que “a terra é de Deus, e a sua plenitude” (1Co 10,26).³¹ O contexto de 1 Coríntios 10 aponta para uma releitura da história de Deus com seu povo: nossos pais e nossas mães vivenciaram a libertação da escravidão no Egito, alimentaram-se do maná e, por fim, beberam da rocha que é Cristo. Paulo recontou a história do passado para fortalecer a resistência atual. Dentro de seu contexto, isso significou não se entregar à idolatria e ao cansaço na caminhada e reafirmar que somos ‘Corpo’ dentro de um mundo que fragmenta a identidade dos povos. Afirma-se a busca do bem-estar de todas as criaturas num mundo que impõe o interesse próprio! Em 1 Coríntios 10, Paulo trabalhou com a tríade: terra prometida – água e comida – ética comunitária. Não é possível receber a terra e seus frutos sem cuidar dela; não é possível receber bênção e explorar o próximo!

Paulo atacou frontalmente o sistema dominante, interno e externo, quando em 1 Coríntios 3 afirmou que tudo é de Deus. Com isso, ele destacou que as pessoas cristãs não são cooperadoras do sistema opressor, mas cooperadoras de Deus! Portanto, nossa função é plantar e cuidar, mas é Deus quem dá o crescimento. Afirmar a nossa propriedade é afirmar a propriedade de Deus: “Tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e

³¹ Veja comentários bíblico-teológicos em Gottfried Brakemeier (2008) com várias referências.

vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (1Co 3,22-23). Portanto, tudo é de Deus, e é Ele que tudo nos dá; se tudo é nosso, então nossa função é cuidar de tudo como Deus cuida! Somos pessoas administradoras, mordomas e servas de Deus... e não senhores/as do mundo.

A teologia a partir da terra, feita por Paulo, denuncia a mesma situação da parábola do administrador infiel (Lc 16,1-13). Administrar significa cuidar da terra e de toda a criação e não defraudar os seus bens por meio de endividamentos, por meio de dominação e violência; “quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito [...] ninguém pode servir a dois senhores [...] não podeis servir a Deus e às riquezas” (Lc 16,10.13).³²

A terra tem valor por e em si mesma, assim como as pessoas e todas as criaturas. É na relação que se tem com a terra, com as pessoas e com as demais criaturas que melhor se percebe esse valor. A terra e toda a criação são dom e dádiva de Deus. Se assim é, não podem ser exploradas! Se a terra é de Deus, então está relacionada com toda a criação, e dessa relação depende a saúde do corpo todo e de todo corpo. A radicalidade com que a temática da terra é colocada dentro de um universo de significado maior, de relações de vida e de poder bem mais amplos e complexos, pode alertar para o fato de não dissecarmos esse ‘tema’ de forma independente de uma teia de relações que envolvem

³² Veja interpretação da parábola feita por mim e com muitas referências na revista *Phoînix* (2007).

o micro e o macrossistemas, dentro de nós e na interconexão com nosso mundo.

Importante para uma Teologia da Terra é observar a lógica de Paulo em falar que somos “escravos do mundo” (Gl 4,1-7) quando ainda não temos consciência e não sabemos discernir entre as estratégias da vida e da morte. Para ele, então, é necessário “morrer para o mundo e para a lei” (Gl 2,19; 6,14), negando justamente a lógica idolátrica do sistema que domina as relações globais com base na dominação, na violência e na injustiça. O conceito “mundo” (*kosmos*) é usado para caracterizar a estruturação do poder que causa exploração e dominação de alguns pouquíssimos sobre a maioria. Somente morrendo para este “mundo” é possível transformá-lo: “Não vos conformeis com este século [i.e. com o sistema desse mundo], mas transformai-vos pela renovação de vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12,2).

4.4.1 A promessa de terra, o gemido da criação e o trabalho de libertação (Rm 8)

A transformação não se processa apenas em nível pessoal, se bem que dela também não prescinde. A mudança deve ser pessoal, inter-relacional e global. Dentro de um contexto religioso e político de condenação e exclusão, em Romanos 8 Paulo afirmava que não há condenação nenhuma para quem está em Cristo; Cristo liberta com a sua vida, morte e ressurreição. Junto com isso Paulo revelava que o Espírito nos declara filhas e filhos de Deus e que, portanto, somos também herdeiras e herdeiros de sua promessa feita aos nos-

tos ancestrais na fé. Essa promessa consiste em habitar uma terra boa que ‘mana leite e mel’ para viver em liberdade.

O apóstolo, no entanto, constata que toda a criação está sofrendo e gemendo sob os mecanismos de opressão política e econômica, exploração realizada no corpo da gente e no corpo da terra. O clamor da comunidade judaico-cristã, que transparece no hino de Paulo em Romanos 8,18-25, trabalha a interdependência do sofrimento, do clamor e do trabalho por libertação em todos os níveis e elos da criação.

A descrição do quadro é magistralmente real e plástica: trata-se de gemidos de quem se encontra em trabalho de parto.³³ Portanto, são gritos de contração, de força, de dor, mas que transpiram esperança, anúncio do novo dentro das estruturas do velho. Aliás, são também gritos que devem ser expressos e não retidos.

Conforme Romanos 8, são três os sujeitos que se encontram nesse processo de trabalho de parto:

a) a própria criação geme e quer ser libertada do cativo da corrupção, porque ela se encontra cativa e ocupada, não consegue respirar e viver em paz e liberdade por causa da ganância, da exploração e da violência;

b) “nós”, que temos as primícias do Espírito, também gememos, porque quem nos fortalece para clamar e fazer surgir a novidade da libertação de nossos corpos é o próprio Espírito Santo. Portanto, a criação e ‘nós’ gememos engajadamente por libertação.

³³ Sobre o parto como expressão da esperança escatológica já presente veja Ivoni Richter Reimer (2000, p. 101-111).

c) Quem, por fim, também geme em dores de parto é o próprio Espírito que nos assiste em nossa fraqueza, sendo que o corpo todo, em todas as suas relações ecológicas e sociais, está em trabalho de parto.

Esta é uma riquíssima imagem escatológica: Paulo usou a realidade do trabalho de parto como linguagem simbólica para expressar que, dentro do caos, o 'novo' já está começando a acontecer, já pode ser sentido. É preciso fazer força e não desistir para que ele aconteça em plenitude!

Essa pode ter sido uma palavra de esperança, de ânimo para gente que estava sofrendo sob o domínio implacável do sistema global romano de dominação e violência, que tinha na elite religiosa do povo um de seus mais fortes aliados. O apóstolo Paulo anunciou insistentemente que as pessoas cristãs são pessoas justificadas pela fé para, em conjunto com toda a criação, lutar pela vida em toda a sua dimensão pessoal e global.

Essas afirmações e reflexões tiveram repercussões teológicas, antropológicas e cósmicas significativas no passado e têm no presente: não somos seres à parte ou superespeciais, mas fazemos parte desse todo harmonioso de Deus que está em perigo iminente de destruição, caos e colapso. Dentro da realidade do Império Romano isso significava afirmar a resistência com a sabedoria da fé, que se nutre da memória do passado para transformar os sofrimentos presentes. Se a história interpretativa cristã tivesse se apropriado dessa tradição para a educação ambiental das pessoas cristãs, certamente o nosso mundo não estaria descuidado e explorado como está. Porém, como estamos nós vivendo nossa fé e espiritua-

lidade também em perspectiva ecológica, como estamos (a)firmando nossa resistência e criativas proposições de outros mundos viáveis?

4.5 Nosso corpo, terra vivificada, comunhão

Os escritos bíblicos concebiam e fazem crer que nossos corpos fazem parte de toda a criação. Nosso corpo é terra viva, vivificada, emprestada temporariamente pela graça de Deus. Nesse sentido, é bom saber que somos seres mortais, passageiros. Pensar na morte ajuda a valorizar a vida, e isso faz parte de milenar cultura religiosa. A vida faz parte da morte, e vice-versa. Também a morte mostra que a terra é um corpo vivo, assim como o nosso. Num anúncio da morte de Cristo, afirmou-se que ele passaria três dias e três noites no “coração da terra” (Mt 12,40), o que aponta para uma cosmovisão de que a terra é um ser vivo.³⁴

Saber que somos parte da criação de Deus e que somos passageiros como os lírios do campo questiona os valores de uma sociedade e de uma economia de consumo que querem produtividade, força jovem, sucesso, lucro, acúmulo, como se tudo fosse infundável, como se fôssemos imortais ou que não tivéssemos valor algum pela vida em si.

O corpo-terra e a terra-corpo ajudam-nos a pensar com alegria nas ervas e flores do campo que precisam da terra, da

³⁴ Cora Coralina utiliza na sua poesia *A gleba me transfigura* semelhante antropologia da terra, caracterizando seu amor pelo chão, que transparece numa de suas poesias: “Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada no ventre escuro da terra”. Extraído de Cora Coralina (1985, p.109, grifado por mim).

água, do sol e do ar para viver, florescer, frutificar e transbordar de formosura. É maravilhoso que nosso corpo é terra e que a terra pertence a Deus. A terra é protegida por Deus, nós somos protegidos/as por Deus. “Olhai os lírios do campo [...]” é uma afirmação de sabedoria da fé. “Deus derrubou dos tronos os poderosos [...] e encheu de bens as pessoas famintas” (Lc 1,46-55) é uma afirmação da esperança revolucionária. Ambas as afirmações testemunham a mesma confiança: Deus cuida de cada elo de sua criação, principalmente de quem e quando mais sofre! Essa comunhão de Deus com sua criação é paradigmática para as pessoas que foram criadas para ser imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27).

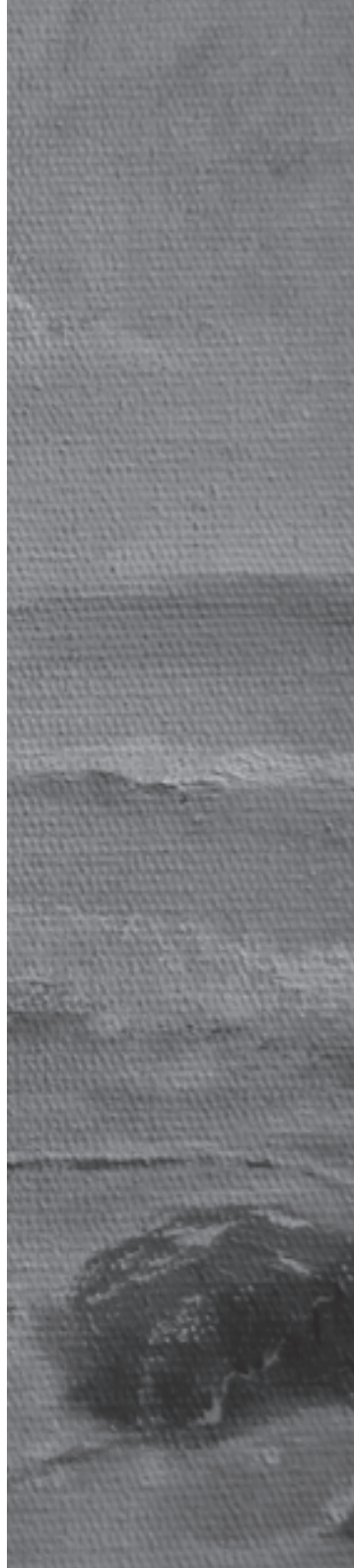
Para as pessoas e as comunidades de fé, cujas experiências estão fragmentariamente narradas no Novo Testamento, o objetivo da herança da terra, de ‘possuir’ a terra, não é o acúmulo, não é a exploração. O objetivo de ‘herdar a terra’ é a construção de uma vida boa, prazerosa, justa, farta e feliz para todas as pessoas e todos os elementos da criação. A comunhão e a partilha são muito importantes nessa construção de relações e sistemas de vida. É assim que as narrativas acerca da vida das primeiras comunidades judaico-cristãs na cidade de Jerusalém testemunham a respeito da experiência de fé, resistência e perseverança partilhadas (At 2-4).

Considerando que tudo é de todas as pessoas, porque tudo provém de Deus, compartilhar significa ampliar a graça de Deus! Vivendo da graça e da solidariedade, a partilha de bens, inclusive da terra, torna-se bênção que se renova na comunhão.

5 De terra e águas, de amor e guerras

A terra sem água não frutifica, a vida sem amor não se plenifica. Uma brota da outra, e a outra dela se alimenta. Uma se aninha nos braços da companheira. Assim também cantou a Banda Vento Azul na sua música *Terra*: “Abre o meu peito e joga terra dentro dele e vem regar a planta que o amor plantou”.

Refletir sobre terra e água aponta também para a necessidade de destacar a espiritualidade. É ela que reaviva a terra e a água em mim e que me coloca em comunhão com outros corpos terra-água-ar-éter. É ela que deságua em mim a comoção e a compaixão com a tragédia da morte forjada e forçada diariamente por todos os sistemas que geram violência e morte. É essa espiritualidade que desperta em mim a solidariedade com milhares de pessoas antes de morrerem de fome e sede e que sofrem as mais diferentes formas de violência na casa, na rua, no trabalho. Ter e viver uma espiritualidade comprometida com o Reino de Deus é compadecer-se



com quem sofre e com quem transforma esse sofrer em motivo de festa e vitória.

Terra e água, elementos comuns a todas as criaturas, não se encontram em harmonia. Onde está o Espírito que fortalece para a resistência criativa? Onde está a terra que socorre, acolhe e nutre suas filhas e seus filhos expulsos e maltratados neste mundo de Deus? Onde está a água da vida que jorra para a vida eterna? Qual é a força simbólica que envolve os elementos terra e água e que pode alentar esperanças e fortalecer a fé e as lutas?

Em busca de respostas, indícios, sinais de memória viva que perpassam séculos de linguagem e experiências histórico-religiosas, queremos adentrar novamente uma série de textos e tradições bíblicas.

5.1 Criatividade e resistência como *status confessionis* na proteção da vida

Nas religiões, a água faz parte de uma linguagem simbólica central que expressa profunda experiência de fé e espiritualidade. As águas remetem para a origem da vida e, simultaneamente, para o caos. Elas anunciam a possibilidade de vida abundante e farta, mas também nos fazem deparar com a ameaça e a realidade da desgraça. Água de menos ou água demais não presta; pode ser prenúncio e presença de morte: secas e enchentes. As águas, portanto, apontam para origens e manutenção de vida, para o caos e as ameaças, dilúvio e bonança.

Em nossa vida, aprendemos a temer situações extremas. Quem não tem medo ou não sente insegurança ante a

visão de fendas/rachaduras em terras ressequidas, sobre as quais jazem esqueletos de animais moribundos ou mortos pela seca e plantas que compartilham a agonia de pessoas migrantes em busca de outras fontes? Ou quem não se apavora quando vê as torrentes de água saindo dos leitos dos rios ou de bueiros entupidos de lixo, avançando sobre ruas, casas, adentrando cidades, inundando e destruindo plantações, carregando e derrubando tudo o que existe pela frente? Por outro lado, quem não admira a força das águas que balançam as ondas do mar, envolve-se no véu das cascatas e brinca nas correntezas mansas de um rio ainda limpo? Quem não se alegra com a chuva no tempo certo, com o arco-íris anunciando tempo bom, ‘aliança de paz’, ou com o sol e o vento que evaporam as águas para retornar em forma de chuva, orvalho, neblina, garoa?

Nas águas temos a presença da circularidade, do ciclo e da renovação de vida, bem como a sua dinamicidade. Às vezes, as águas são claras e transparentes, mansas e relaxantes; outras vezes, as águas são turvas e fétidas, violentas e tempestuosas. A vida está em ambas, às vezes em seu aspecto de morte.

Águas para beber, ‘matar a sede’, saciar a vontade e matar a saudade de retornar constantemente às fontes. Elas refazem nossas energias, purificam nossos sistemas vitais, suprem grande parte de nossas necessidades. Conectam-nos vitalmente com toda a vida que existe a partir das águas, também nas águas dentro de nós! Como podemos, em nossas ações acumulativas e não cuidadoras, destruir aquilo que é parte de nós, num processo intermitente de entrar e sair por orifícios de nosso corpo e do corpo da terra?

A reflexão teológica e a vivência da espiritualidade podem atuar como fundamento crucial em processos de preservação e cuidados das águas do mundo, contribuindo na conscientização de pessoas, movimentos e governos a respeito da dimensão da interdependência de todos os elos da criação e do valor precioso e intrínseco desse bem universal e gratuito que é a água. A partir do fenômeno religioso e da elaboração teológica, a água é entendida como um bem universal, porque faz parte de toda a criação de Deus. Da mesma forma, ela é um bem gratuito, porque não nos pertence como propriedade, mas nos foi dada e confiada por Deus para dela cuidarmos, assim como também é com a terra. Esse é um argumento suficientemente relevante para não mais podermos continuar desperdiçando água pelo fato de ser de graça ou barata, nem permitirmos que ela seja transformada cada vez mais em produto nas mãos de empresas nacionais e multinacionais. Cuidar das águas é afirmar nossa opção e solidariedade para com pessoas empobrecidas, que cada vez mais vão sendo excluídas também de seu benefício e usufruto gratuito.

Ter acesso à água boa deve ser afirmado e reivindicado como direito humano de cada pessoa. Ninguém pode ser privado de usufruir dos benefícios da água para a vida. Nesse aspecto, lembro que há poucos anos, em 2001, em Bonn, na Alemanha, a Conferência da Água não conseguiu aprovação e inclusão desse item na lista dos direitos humanos básicos. Simultaneamente, porém, quando afirmamos a água como um dos básicos direitos humanos, é preciso que nos conscientizemos cada vez mais de que a água não é um mero

objeto à nossa disposição e de nossa vontade lucrativa. Ela tem valor intrínseco, e isso não pode ser medido em forma de cifras e com mentalidade utilitarista. Por isso a própria água, assim como a terra, tem seu direito 'básico' de vida digna, que está ameaçada por inúmeras e repetidas ações humanas que se mostram cada vez mais devastadoras. O direito à água deve ser considerado juntamente com o direito humano de usufruir de forma responsável e ecologicamente correta dessa água. Isso deve ser contemplado, reivindicado e cumprido por agendas de políticas públicas.

Quando afirmamos a interdependência do elemento água com a terra, com nossos corpos e com o corpo do universo, afirmamos também a sacralidade das águas, visto que, em perspectiva religiosa, tudo provém da sabedoria criadora divina. Assim, entendemos que também a água, em si mesma e na vida do mundo, é manifestação do amor e do poder dinâmico de Deus. A relação que temos com ela também reflete a relação com Deus e torna-se expressão de nossa espiritualidade.

Por isso as religiões devem conclamar pela própria fé que as sustenta em tempo *kairológico*, com urgência urgentíssima, todas as pessoas que professam sua fé a contribuir, agora mais do que nunca, profeticamente para a recuperação e a preservação das águas e da restauração das condições de vida das águas. Isso deverá ser feito por meio do trabalho de reflexão e elaboração críticas de suas tradições religiosas em relação às águas e na sua relação com elas e por meio de ações propositivas diárias de cuidado com os mananciais, córregos, rios, tratamento de água e de esgoto. Quais seriam os

elementos centrais que precisam ser resgatados para uma lide responsável, solidária e amorosa com as águas? Quais seriam os aspectos que precisam ser denunciados como motores que alavancam transformações socioculturais e econômicas e que se tornam ameaças no processo de destruição e ‘monitoramento’ das águas?

As grandes religiões têm em comum a concepção e a compreensão de que a água é uma dádiva da divindade criadora, de que nela há vida e ela origina vida de forma maternal.³⁵ Numa atitude de diálogo religioso, que respeita tradições e mitos religiosos de seus ancestrais, o teólogo do Congo, Damandji Banga Wa Banga, poeticamente afirmou o significado e a importância da água para seu povo, e aqui quer ser lembrado: “A água é nossa mãe, visto que ela sustenta a terra na qual vivemos, e por isso lhe devemos agradecimento. Sua importância não deve ser desprezada nem na vida cotidiana, nem na vida religiosa”³⁶.

Afirmando a água como mãe, da mesma forma como se professa a Mãe Terra, afirma-se, em linguagem religiosa, a origem de nossa vida no mundo e com o mundo. Quando se afetam a vida e a saúde da mãe em relação à sua criança, afetam-se também direta ou indiretamente a vida e a saúde de suas crianças. Em se destruindo ou matando a mãe, impossibilita-se a vida das crianças. Também nessa metáfora teológica observamos a interdependência entre as diversas e diferentes partes no conjunto.

³⁵ Veja Marcelo Barros (2002, p. 78-114), que discorre sobre os significados da água nas grandes religiões do mundo.

³⁶ Afirmação traduzida por mim (*apud* Küschner-Pelkmann, 2002, p. 116).

Em perspectiva religiosa e das reflexões teológicas, a criação de Deus é, no seu todo e em suas partes, uma energia dinâmica viva, perpassada e marcada pelo próprio sopro-presença da divindade criadora. Com essa concepção e a partir dela podem derivar reflexão e ação ecumênicas que se tornam relevantes na vida cotidiana e na economia globalizada. Resistir contra os mecanismos locais e globais de ameaça e destruição das fontes de vida, dos mananciais, torna-se cada vez mais e de maneira mais urgente, *kairológicamente*, uma necessidade de *status confessionis*, isto é, de confissão de fé que precisa ser afirmada e vivida a fim de que as águas continuem jorrando ou voltem a jorrar cristalinas, gratuita e livremente, como sinal da beleza e dos valores que existem nelas mesmas e da magnitude e da bondade da vida da criação, da vida da divindade criadora.

Nos textos e nas tradições sagradas judaico-cristãs, temos mencionada a água em muitos e variados contextos históricos e literários. Presentes estão realidades da vida cotidiana em meio a situações de fartura, de caos, medo, doença, cura e bênção, bem como a relevância simbólica da salvação por meio das águas do batismo e da cura. Encontramos também a representação das águas como sinal de ameaça e destruição por meio dos exércitos romanos que travavam suas guerras de expansão e ocupação no Mar Mediterrâneo ou vindo por meio de suas águas e ondas. O ‘dragão’ emerge desse mar!

A seguir, abordaremos algumas narrativas dessa tradição religiosa, buscando observar e perceber realidades subjacentes aos textos, conceitos e expressões, principalmente

em narrativas simbólicas, parabólicas, admoestativas e de milagres.

5.2 Águas do cotidiano e da economia

Em suas narrativas, os Evangelhos fazem várias e diferentes alusões à água para saciar as necessidades cotidianas de pessoas e de animais.

Por meio de uma palavra proferida por Jesus, no Evangelho de Mateus, é possível perceber que, para ele, a água é um bem precioso, tão necessário para a vida que dela depende inclusive a promessa da salvação. No contexto das instruções ao discipulado de homens e mulheres, Jesus afirma a recompensa libertadora para quem der de “beber ainda que seja apenas um copo de água fria” a homens e mulheres que seguiriam suas vidas realizando trabalho missionário (Mt 10,42). Essa palavra está situada historicamente dentro do movimento de Jesus, que entendemos ter sido um movimento itinerante. Mulheres e homens que participavam desse movimento encontravam-se em situação de “ovelhas enviadas para o meio de lobos” (Mt 10,16) e ficavam totalmente à mercê da acolhida e da hospedagem de pessoas nos lugares por onde passavam e onde atuavam. Depreende-se dessa palavra de Jesus que muitas vezes essas pessoas precisavam saciar-se com “apenas um copo de água fria”. Esse “apenas” é indício da situação de empobrecimento geral da população sob a ocupação romana, mas aponta também para a preciosidade e talvez até para a escassez da água e, portanto, também para a dificuldade do acesso à água boa e saudável. É bem provável, nesse con-

texto, que Jesus mesmo tivesse passado por tal situação, para a qual está instruindo e orientando também seus discípulos e suas discípulas.

A partir desse texto e dessa realidade missionária itinerante não é de se estranhar, portanto, que “dar água” para quem tem sede tornou-se um dos critérios de Jesus para afirmar a bem-aventurança no juízo final, quando todas as pessoas serão julgadas com base naquilo que fizeram ou deixaram de fazer “aos pequeninos” (Mt 25,35.37.42.44): felizes, salvas serão aquelas pessoas que acolhem e se solidarizam com quem necessita da água para viver! Transformar águas em produto lucrativo e ameaçador diante de futuras disputas e guerras em torno desse recurso natural está fora do horizonte libertário de Jesus, está fora da proposta do Reino de Deus, porque essa postura e esse interesse excluem exatamente quem delas, das águas, mais precisa para viver.

Dentre as experiências e necessidades cotidianas, as águas também se destacam nos Evangelhos como elemento que refresca em situações de extremo calor, igualmente figurativo para o destino infernal de quem não ajuda, não dá de beber e comer a quem tem sede e fome. Trata-se de elemento percebido na narrativa do pobre Lázaro e do rico avarento (Lc 16,24 no contexto). “Refrescar a língua”, “passar água nos lábios” são expressões que apontam também para a escassez e para a preciosidade da água em situações desérticas e de calor, como vivenciadas em regiões palestinas em tempos de verão.

Lavar o rosto, as mãos e os pés com água também faz parte das realidades e necessidades cotidianas dentro de um processo de higiene, de jejum e de acolhida de hóspedes, e elas

são conhecidas pelo movimento de Jesus também em seus aspectos cultural e religioso (Mt 6,17; Lc 7,44). Metaforicamente, “lavar as mãos”, além de ser um gesto de higiene e purificação antes de comer e beber, também indica, em determinadas situações, o ato de buscar isenção de culpa (Mt 27,24).

Em situações de controvérsias acerca do descanso no sábado, também temos notícia a respeito de águas que saciam a sede de animais (Lc 13,16) e de acidentes que acontecem junto a poços de água (Lc 14,5).

Águas também representam situação de morte, de suicídio por meio de afogamento, como bem refletem textos admoestativos de Mateus 18,6 e Lucas 17,2, ou ainda textos que narram a respeito da cura de possessão (Mc 9,22). Trata-se de experiências e situações conhecidas pelo movimento de Jesus.

As águas são significativas no contexto de realidades econômicas no século I, dentro das realidades do povo sob a dominação romana. Os Evangelhos sinóticos Marcos, Mateus e Lucas mencionam principalmente a atividade da pesca como fonte de sobrevivência também de alguns discípulos de Jesus. As narrativas destacam os barcos, as redes, os peixes, o mar, as ondas, a praia, as mãos que preparam as redes, lançando-as e recolhendo-as do mar, os corpos que se encurvam, se entristecem ou se alegram com o resultado do trabalho nas águas (Mc 1,16ss; 6,38; 8,7; Mt 4,18ss; 13,47ss; 14,17; 15,29.32ss; 17,27; Lc 5,1ss). Nas redes das relações, tanto para os pescadores quanto para a pesca, a situação de tempestade no mar é de perigo, pânico e insucesso (Mc 4,35-36; 6,47; Mt 8,18.23-24.28; Lc 8,22-25).

O perigo que as águas podem representar também para a economia transparece num texto que narra a expulsão de espíritos imundos (Mc 5,1ss; Mt 8,32; Lc 8,33). Nessa narrativa do ‘endemoninhado geraseno’ também a suinocultura merece destaque, por causa da experiência do prejuízo econômico que os porqueiros tiveram devido à expulsão dos espíritos que foram ordenados a “entrar” nos porcos, que, saindo em disparada, caem no precipício e se afogam no mar. Aqui as águas aparecem como elemento de desgraça para os porcos e para os porqueiros.³⁷

Outra importante dimensão da água transparece em textos evangélicos, principalmente em narrativas parabólicas, que refletem o trabalho no campo, a agricultura. Deve-se pressupor que o fator água é indispensável na produção, visto que as narrativas falam de frutos, flores e colheita. Sem a água não haveria sequer trabalho para os agricultores e suas famílias, bem como para diaristas em época de semeadura, limpeza e colheita (Mc 12,1-2; Mt 13,3.18; 20,1-16; Lc 6,1-5; 8,5-8; 12,16; 13,6-9; 20,9; Jo 4,36-37, entre muitos outros). Água e terra, portanto, fazem parte do processo de produção, e delas dependem o trabalho, a fartura, a alegria da colheita, a festa de oferendas de primícias do campo, o conagraçamento das pessoas e o respigar das pessoas empobrecidas!

São principalmente as águas da chuva que possibilitam uma irrigação dos campos, já no século I. Também a

³⁷ Veja interpretação político-simbólica da ‘legião’ e do exorcismo em Silvio Zurawski e Ivoni Richter Reimer (2008, p. 117-172).

chuva está subjacente e presente nos textos: ela cai sobre o trigo e o joio/capim, linguagem metafórica para ‘bons e maus’ (Mt 5,45); e se ela não vem (“quando o céu se fecha”), a seca impossibilita os frutos (Lc 4,25). Seca e enchentes (Mt 7,25.27; Lc 6,46-49) são, portanto, fenômenos naturais conhecidos naquela época e naquela localização geográfica; representam igualmente situação de desgraça e são atribuídos à divindade dentro de uma lógica religiosa da coerção, do ‘toma lá dá cá’, vigente até hoje.

O conhecimento de que a água é vital para a sobrevivência das pessoas está pressuposto nos textos por causa das experiências que eles refletem. A água é necessária para a construção das relações de vida digna, economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis. Arrolamos, a seguir, um documento extrabíblico daquela época, uma carta escrita por um pai aflito a seu filho que já havia migrado do campo para a periferia de uma cidade. O pai, Hemócrates, solicita que seu filho retorne ao campo para ajudá-lo no trabalho, na construção ou manutenção de cisterna, fazendo com que o pai e a mãe não percam a terra:

[...] em primeiro lugar, desejo que estejas bem [...] se tu não vens, eu corro o perigo de entregar a nossa propriedade [...] sequer a cisterna foi limpa do barro e, além disso, tanto o conduto de água foi assoreado pela areia do deserto, como o campo não foi cultivado [...] a água mal dá para a irrigação de um canteiro; por isso, vem incondicionalmente, visto que as plantas correm o risco de morrer [...] lembro ainda que os cobradores de impostos querem alguma forma de garantia [...] ³⁸.

³⁸ A carta-documento foi traduzida por mim, com base na coletânea de papiros BGU II 530, extraída de Helmut Thierfelder (1963, p. 91).

Essa carta, bem como os textos do Novo Testamento já arrolados, demonstra que a interdependência de água, trabalho, terra e subsistência humana era vivenciada conscientemente no século I, no Império Romano. A relação entre a falta de água, pagamento de impostos e perda de terra igualmente era conhecida na época, o que, por sua vez, está inter-relacionado com a questão das dívidas do povo no campo.³⁹ A necessidade de construir cisternas e condutos de água fazia parte das técnicas utilizadas na época para garantir uma boa produção agrícola e o abastecimento de água em regiões mais secas.

Esses elementos e essas informações estão presentes quando lemos e analisamos textos do Novo Testamento, pois eles são escritos nesse contexto, refletindo essas experiências. Nisso também se torna mais claro que ecologia, economia, relações humanas, biológicas, políticas e socioculturais devem ser lidas e entendidas dentro e a partir de um contexto histórico específico, que, na época do movimento de Jesus e da escrita dos Evangelhos, era marcado pela dominação do sistema do Império Romano e pelas elites religiosas do povo judeu.

5.3 Águas de travessia

Os Evangelhos destacam as águas, os rios e mares na vida e nas atividades de Jesus. Uma grande parte de textos apresenta Jesus ultrapassando fronteiras, limites ge-

³⁹ A esse respeito da relação entre dívidas e perda de terra, também em decorrência de secas, veja Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer (1999) e os capítulos do livro *Economia no Mundo Bíblico*, por mim organizado (2006a).

opolíticos e socioculturais, fazendo travessias por rios, lagos e mares.

Mencionados são principalmente o rio Jordão (Mt 3,6ss; 19,1; Lc 3,1-22; 7,29-30) e o mar de Genesaré, também conhecido como lago da Galileia ou Tiberíades (Mc 1,16ss; 6,53; 7,31; Mt 4,18ss; 14,34; 15,29ss; Lc 5,1ss). São muitos os textos que fazem referência a esse lago-mar, dentro do contexto mais amplo, mencionando também o barco como meio de transporte e de trabalho (Mc 2,13; 3,7; 4,1.35-36; 5,1.13.18.21; 6,32ss.45.47; 8,14.22; Mt 8,18.23-24.28; 9,1; 13,1ss; 14,13-14.22.24ss; 15,39; 16,5; Lc 8,22-25.27,37). Em torno desse lago-mar estão localizadas as cidades e aldeias nas quais Jesus morava, vivia e atuava, como Cafarnaum, Betsaida (“casa de pescadores”), Magadã (Mc 6,45; 8,14.22; Mt 4,13; 15,39).

No movimento de Jesus e para o grupo de Jesus, as águas são importantes vias de transporte e de comunicação entre cidades e aldeias. Elas também figuram, no entanto e justamente a partir desse contexto conhecido das travessias, como metáfora para tomar outra direção, outro rumo, buscar outra gente. É nesse sentido que podemos entender a narrativa que menciona Jesus ordenando aos discípulos que passem para a outra margem, referindo-se ao lado oriental do Mar da Galileia (Mc 4,35-5,20 e texto paralelo). A narrativa desse episódio relata que isso aconteceu quando Jesus, após ter realizado curas e milagres e ter proferido parábolas instrutivas, recebeu as primeiras reações de incompreensão e questionamento por parte de seus companheiros e conterrâneos. A “outra margem” é localizada narrativamente na

região dos gerasenos (gadarenos). Não parece tratar-se especificamente de uma cidade, mas de um lugar mais vasto (em grego *chôra*), dentro do qual se localizavam as aldeias Gerasa (50 km ao sul do Mar de Genesaré/Galileia), Gádara (10 km a sudeste do mar) e Gérgesa (margem oriental do mar). No contexto e para nossa interpretação torna-se importante o fato de tratar-se de uma região onde moravam pessoas não judias. Além dessa questão geopolítica, outro indício importante para tal percepção são os porcos mencionados na narrativa, que não fazem parte da cultura produtivo-econômica e religiosa do povo judeu.

O mar e a fala de Jesus, portanto, remetem simbolicamente para a necessidade de buscar outra gente, outro espaço sociocultural, ampliar a missão e o anúncio da Boa-Nova.⁴⁰ Destaca-se o fato de que Jesus e sua *práxis*, desde cedo, abria-se também para outros povos e outras culturas. São águas de travessia, águas que levam para outros lugares, para a busca e o encontro com outras pessoas.

Também nessas travessias há aceitação, admiração e rejeição, como também aconteceria na própria Galileia, em Nazaré (Mc 5,15.17.20; 6,1ss), em relação à *práxis* libertadora de Jesus e suas consequências econômico-sociais. Jesus faz a experiência de aceitação e rejeição por parte de sua gente, e o mesmo acontece com os outros, ‘de fora’, onde igualmente é aceito e rejeitado.

⁴⁰ Outra interpretação simbólica foi realizada por Sebastião A. Gameleira Soares e João Luiz Correa Jr. (2002, p. 215). Veja também Marcelo Barros (2002, p. 125, 129-130, 149), bem como Sílvia Zurawski e Ivoni Richter Reimer (2008).

Em todo caso, as águas de travessia e a travessia das águas apontam para um projeto libertador de abertura e inclusão que faz das águas o berço e a rede dos quais nascem novas relações com o outro, diferente, marginalizado por questões étnicas, sociais e de gênero. ‘Ir para as outras margens’ foi um dos grandes desafios para o movimento de Jesus e continua sendo para a Igreja até hoje.

5.4 Águas de batismo e de cura

São as águas cotidianas, necessárias para a vida, e as águas das travessias, necessárias para os projetos de missão inclusiva dialógica, que são tomadas como referência para expressar a presença e a atuação sagradas na vida humana. As tradições religiosas judaica e cristã têm no batismo essa expressão do fenômeno religioso da purificação e da inclusão da pessoa batizada num projeto comunitário-social, no ‘Corpo de Deus’, que se manifesta concretamente na comunidade de fé.

Na menção do batismo, o movimento de renovação intrajudaico de João Batista representou uma tradição judaica da purificação, do arrependimento e da ética na busca por construir relações de justiça por meio de atitudes solidárias, não violentas e ecologicamente sustentáveis (Mc 1,2-11; Lc 3,10-14). Esse projeto expressava-se na partilha, na rejeição de corrupção e fraude por parte de autoridades, no não acúmulo de bens que provêm da natureza e da exploração da mão de obra.

O apóstolo Paulo, bebendo da fonte de sua tradição judaica, afirmava que o batismo feito em nome de Jesus, em

nome da Trindade, tem como consequência um compromisso ético de andar em novidade de vida (Rm 6,4), de viver como novas criaturas (2Co 5,17).⁴¹ O batismo, o mergulhar nas águas, é um ato de recriação para dentro do caos que se manifesta na vida das pessoas que experimentam práticas de injustiça e violência, que apontam para uma vida e um ‘mundo sem Deus’. Renunciar a essas práticas e não compactuar com elas é imperativo da fé judaico-cristã alicerçada no batismo.

As águas do batismo rememoram liturgicamente o Êxodo, a libertação do povo de Deus do Egito, e a ressurreição do Cristo na Páscoa: recriação! Em 1 Coríntios 10,1-4, o apóstolo Paulo interpretou o Êxodo e a caminhada no deserto, vinculando a passagem pelo mar à passagem pelas águas batismais e identificando Cristo com a rocha da qual jorrou água para saciar a sede do povo no deserto (Ex 17)! Assim, Cristo, que ressurgiu dentre os mortos, é entendido como manancial de águas vivas.

Cristo, como fonte de água viva, foi assim testemunhado principalmente no evangelho joanino (Jo 4), como veremos abaixo. Essa imagem é importante no relato da cura de um homem cego de nascença (Jo 9): as águas internas de Jesus, o cuspe, que brotam da boca daquele que é a fonte da água viva vão juntar-se à terra para formar o lodo colocado sobre os olhos do cego! O gesto, o lodo e a palavra integram-se

⁴¹ A respeito de consequências ético-sociais de ser nova criatura em Cristo, também na partilha do pão e na redistribuição dos assentos à mesa, em situações de conflitos como a encontrada em Corinto, veja Evandro A. Beserra Neto (2010).

no processo de cura. Todos os elementos estão presentes e são igualmente importantes. A sua interdependência no processo relacional da cura é marcante e imprescindível. Acrescenta-se ainda o detalhe narrativo de que para a cura é necessário que o cego se lave nas águas do tanque de Siloé, cumprindo um antigo ritual conhecido na época.

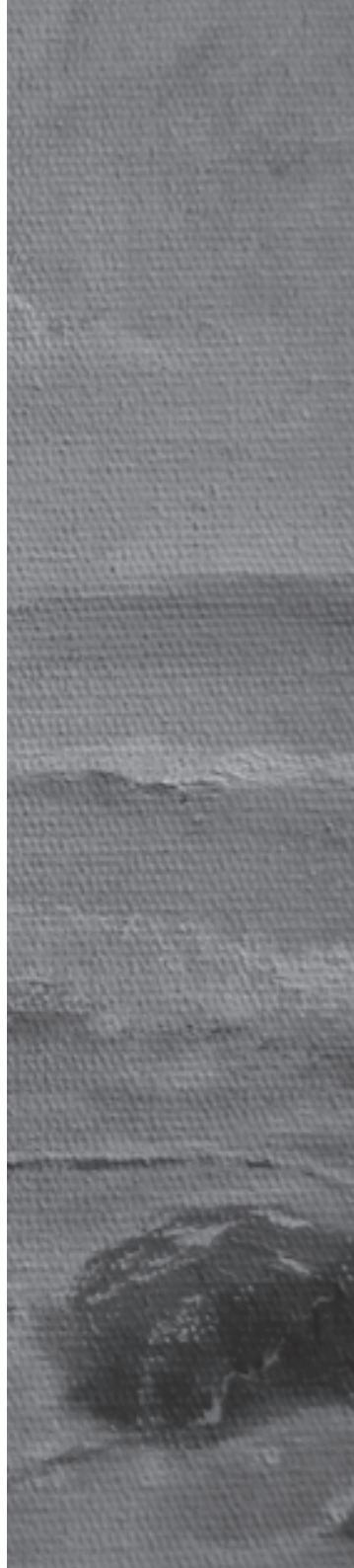
As águas de dentro e as águas de fora interagem para, juntamente com a palavra, a relação e o gesto terapêuticos, realizar a cura. Nesse processo, as águas indicam aquele que quer e pode salvar a vida toda e toda a vida em processos terapêuticos relacionais profundos (Jo 9,35-41).

6 Escatológicas e eternas águas na denúncia de explorações

Diante da vida ameaçada e dos perigos de morte por que passam águas, terras, animais, plantas e seres humanos, faz-se necessário buscar não apenas perspectivas, mas construir agendas mínimas (!) que precisam urgentemente ser respeitadas e cumpridas e, em caso de infrações, as mesmas devem ser punidas.

É diante dessa necessidade urgente que se coloca a questão: onde está quem nos socorre, se somos nós, seres humanos, que historicamente destruimos e colocamos em risco toda a criação?

Em tradições religiosas judaico-cristãs existem construções de esperança e elaboração de estratégias para vencer as situações de crise, destruição e violência. Queremos olhar para essas tradições, presentes em textos no Novo Testamento, buscando horizontes para um viver ecológico em tempos atuais em todos os níveis, haja vista a necessidade de dedicarmos nossos



esforços na construção de paradigmas e epistemologias holísticas. Nesse trabalho de (re)construção, faz bem rever, com novos olhares, alguns textos e algumas tradições antigas e ouvir talvez coisas ainda inusitadas na história interpretativa dos mesmos!

Nesse sentido, proponho revisitar textos chamados ‘escatológicos’, não porque eles tratem do ‘fim dos tempos’, mas porque podem apontar exatamente para ‘tempos últimos’ que clamam por mudança *kairológica* no (ab)uso que ciência, conhecimento e tecnologia têm feito de todo e qualquer bem e ser. Escolhi os textos de Apocalipse 12,21-22 e João 4 por conterem inúmeras dimensões e possibilidades de interpretação para questões como as que abordei neste livro. Textos como eles podem ajudar-nos em processos de garantia e resgate da dignidade da vida toda, não só humana, e esboçar um projeto bom e justo de vida plena para as próximas décadas. Nessa perspectiva, o uso e a interpretação de imagens como água, terra, plantas, animais e outros seres que interagem nesses textos, para ameaçar e salvar a vida podem ser ilustrativos e paradigmáticos ainda e talvez especialmente para nossos tempos carentes de espiritualidade libertadora.

6.1 A terra abre sua boca, e a água não engole a mulher

Apocalipse 12 é uma narrativa mítica⁴², originada em tradições e contextos de dominação romana de povos e cul-

⁴² Acerca de como entendemos narrativas míticas em nossas tradições judaico-cristãs veja Ivoni Richter Reimer; Keila Matos (2009). Paulo Augusto de S. Nogueira (2005) organizou uma obra com vários aportes para a compreensão das tradições visionário-apocalípticas nos cristianismos originários.

turas judaico-cristãs. Nela protagonizam a mulher e o dragão, juntamente com outros seres que exercem importantes funções na narrativa. A mulher assume proporções simbólicas divinas, de “rainha do céu” que está para parir um menino e é ameaçada pelo dragão que aguarda avidamente pelo nascimento do menino para matá-lo.

Esse quadro narrativo é genuinamente parte da expressão artística da Antiguidade que tematiza uma luta escatológica, na qual parece óbvio que a mulher sairá perdendo. Contudo, para dentro de realidades histórico-sociais de comunidades que precisam construir e alimentar esperança resistente, essas narrativas afirmam e visualizam a lógica e o projeto do Deus de Israel, encarnado em Jesus de Nazaré, que questionam e invertem a expectativa dessa obviedade. E isso é construído numa narrativa de tirar o fôlego!

Assim, num enredo repleto de drama e tramas, logo após o nascimento o menino é arrebatado ao céu a fim de que não seja morto, e a mulher foge para o deserto: lá Deus lhe preparou acolhida e sustento. Para povos e pessoas que vivem em regiões áridas e que conhecem esse hábitat, deserto significa possibilidade de vida, sobrevivência, lugar de crise, reflexão profunda, resistência e reconstrução de vida.

No céu, porém, a luta continua.

A luta travada no céu estende-se também para a terra, para o lugar onde a mulher está. Agora, o dragão persegue-a diretamente e não mais por meio da perseguição a seu filho. No entanto, a mulher não está sozinha no deserto: ela está envolta pela vida, participa da vida no deserto e é por ela cuidada!

Assim, a primeira intervenção em socorro da mulher contra a besta-fera vem em forma de duas asas de águia que salvam a vida da mulher! A águia carrega-a para lugar seguro. Porém, refugiada agora no deserto, a mulher sofre a segunda ameaça do dragão, que despeja contra ela um rio de água caudalosa na tentativa de matá-la. Tradicionalmente, dragões expõem labaredas de fogo. Aqui, a narrativa insere esse elemento novo, reformata narrativas míticas conhecidas na época e aponta para uma ameaça maior que ‘vem das águas’. Nesse caso, águas podem ser ameaça, podem causar medo e horrores.

Justamente por causa disso agora é a própria terra que vem socorrer a mulher, abre sua boca e engole o grande rio. Essa é a segunda intervenção que salva a mulher, rainha dos céus, do deserto e das águas.

Essa narrativa mítica pode ser interpretada de muitas maneiras, justamente por causa da polissemia que lhe é intrínseca; os muitos significados e sentidos fazem parte dela. Aqui importa-nos ressaltar a força viva da terra que socorre a vida ameaçada pela ação do dragão.

Com base em nossas tradições religiosas, nós somos, pelos ‘séculos dos séculos’, parte de um grande ecossistema que quer que a vida sobreviva, seja sustentada e amparada. A água, o rio caudaloso, o mar em Apocalipse 12 são expressão de forças caóticas e ameaçadoras, porque são essas águas que trazem o grande inimigo. Para dentro das realidades de comunidades cristãs, na Ásia Menor, no final do século I, esse inimigo eram o exército romano e todos os seus funcionários! O dragão, a imagem do ‘inimigo’, é a representação

desse império ocupacionista que persegue o ‘novo’, que está surgindo como forma de organização de um grupo que sobreviveu e resiste à catástrofe da Grande Guerra, que culminou no ano 70 com a destruição e a ruína de marcos identitários significativos da história do povo do Deus de Israel, como o Templo e a cidade santa Jerusalém.

Na vida do povo de Deus, nas comunidades cristãs, o ‘deserto’ se fez realidade em todas as dimensões. Fazia-se necessário, portanto, ‘reconstruir’ essa cidade santa, esse lugar santo, com base num novo imaginário, em comunidades que afirmavam Jesus como o Messias. Esse ‘novo’ se fez realidade por meio de Jesus e seu movimento de libertação, que se apresentava, naquele contexto, como contestador das forças dominadoras e de violência, de opressão e marginalização. Era esse movimento, na sua continuidade em comunidades cristãs originárias, que gestava novas relações de vida, em que se partilhavam memória, tradições, pão, vinho e afeto.

A mulher, representação divina – seja como “rainha do céu”⁴³, como ‘mãe do menino = Deus/Jesus’ ou como ‘Igreja’ –, torna-se expressão dessa resistência que se reorganiza no ‘deserto’ e que recebe o solidário apoio de elementos ‘não humanos’ da criação. Após dois milênios talvez possamos reler essas narrativas, pincelando a urgente necessidade de agora nós sermos ‘desertos’ redentores para a vida da terra, das águas, dos animais e de nós mesmos/as!

⁴³ Possibilidades interpretativas para a narrativa da “rainha do céu” veja em Val-tair A. Miranda (2005), com referências e discussão.

6.2 Águas, frutos, folhas e curas

No Apocalipse, a água não é apresentada apenas como elemento caótico e destruidor. Ela também aparece como símbolo de vida nesse projeto de reconstrução da vida e da história, quando se trata de afirmar a certeza da esperança de um “novo céu e de uma nova terra”. Nesse lugar haverá o rio de água da vida, brilhante como cristal! Esse lugar é chamado de “nova Jerusalém”. Ali, no meio da praça desse lugar, haverá um rio. E nas margens do rio estará a árvore da vida, que produz doze frutos, representando a totalidade e a unidade do povo de Deus. E essa árvore dará o seu fruto a cada mês, completando um ano inteiro de fartura! Além disso, ou exatamente por causa disso, as folhas dessa árvore servirão para a cura dos povos (Ap 21). A vida toda será restaurada, recriada. Será tempo de recriação, sem guerra, sem dominação! As águas não mais serão caos e ameaças.

Esse novo céu e essa nova terra, dentro dum contexto de perseguição do império às pessoas e às comunidades judaico-cristãs, no caso, rememoram narrativas míticas da criação em tempos imemoriais.⁴⁴ Nesses textos, o livro de Apocalipse faz uma releitura dos textos sagrados de Gênesis 1-2. Com isso a releitura de Gênesis 1-2, feita em comunidades judaico-cristãs, atualiza a narrativa da criação de forma crítica, criativa e escatológica para a esperança e a resistência em

⁴⁴ Sobre a interpretação de mitos veja Pierre Smith (1978, p. 237-253) e Mircea Eliade (1972). Veja também as conferências proferidas no III Congresso Internacional em Ciências da Religião, na PUC Goiás em 2009, em Ivoni Richter Reimer e Keila Matos (2009).

novos tempos e lugares, nos quais se quer construir relações de justiça, paz e abundância.

Isso também é afirmado em outros textos elaborados na mesma conturbada época do pós-guerra: “Nós, porém, segundo a sua promessa [de Deus], esperamos [= colocamos nossa esperança em] novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2Pe 3,13)! Tendo por tema e orientação a justiça e a paz que dela advêm, Apocalipse 21 também faz uma releitura de Isaías 65,17-25: tanto do céu quanto da terra deve brotar a justiça (veja Mt 6,10)! Céus, terras, águas, pessoas, animais, plantas, tudo se interconecta pelo amor gratuito de Deus, que quer se fazer realidade renovada e recriada na vida cotidiana.

Muitas são, portanto, as esperanças que se organizavam e as narrativas que alentavam essas esperanças em tempos de restauração de identidade e de construção de um novo lugar para habitar em paz! Um desses lugares são comunidades judaico-cristãs espalhadas no entorno do Mar Mediterrâneo, após a Grande Guerra dos anos 66-70. Elas buscam reconstruir sua história por meio de elementos narrativos míticos, escatológicos, linguagens religiosas que o ‘inimigo’ não (re)conhecesse e que articulassem novas possibilidades de resistência em tempos ‘no deserto’ para a construção de novos espaços e relações.

6.3 Água que jorra para a vida eterna

Nas narrativas e tradições cristãs desses tempos há também outros textos, em que a água é fonte de alegria, de vida

abundante e serve para saciar a sede no mais profundo dos seus sentidos.

A narrativa da samaritana junto ao poço, em João 4, mostra o cotidiano de uma mulher que realiza seu trabalho de buscar água para o sustento da casa. O relato, no entanto, visa destacar seu diálogo magistral com Jesus.

Jesus vem ao poço para saciar sua sede. Ele pede água para a mulher. No entanto, o texto reflete os conflitos existentes entre as etnicidades judaicas (Jesus) e samaritanas (mulher). Estes, no entanto, não são apresentados como empecilho para o diálogo profundo que ocorre no lugar do poço. Trata-se de um diálogo de mestres das tradições religioso-sagradas!

Na Antiguidade, poço era lugar de encontro, mas também era, e talvez será, palco de guerra por causa da água e do acesso à água. Porém, poço não deve ser lugar de guerra, lugar pelo qual se faz guerra. A água convida para reflexões teológico-culturais profundas, água da vida, fonte que jorra para a vida eterna. O compartilhar dessa água e dessa sede de sabedoria pode abrir (para) o futuro, e a espiritualidade que dele brota é de solidariedade, de alegria e de reconhecimento da importância da vida marcada também pelas diferenças.

Após o encontro de diálogo e reflexão profundos, a mulher samaritana passa a anunciar aquilo que presenciou e experimentou: Jesus Messias, Jesus a fonte da vida eterna. A mulher larga o seu cântaro, símbolo de sua dependência e submissão aos costumes casamenteiros machistas, e sai anunciando a Boa-Nova. Torna-se apóstola de Jesus para o povo samaritano!

O poço e a água são também, na Antiguidade e nas tradições judaica e samaritana, lugar de espiritualidade cotidiana, de diálogo, de reflexão sobre o sentido da vida. Essa experiência com a água como elemento significativo em nossa composição corpórea e como elemento necessário para a nossa vida saudável fez com que o evangelista testemunhasse que Jesus é a água da vida, a fonte da água viva: do interior de quem nele crê igualmente fluirão rios de água viva (Jo 7,38). Compartilhar essa graça recebida é preciso!

O compartilhar da água em tempos que ameaçam matar de sede, matar por falta de sentido faz parte de uma profunda vivência de espiritualidade da compaixão e da solidariedade. Um dos primeiros passos nessa vivência é deixar que sejamos transformados em ‘água’ para outras pessoas, para refrescar diante do calor, para lavar feridas, para estabelecer laços de paz e não de guerra entre pessoas, povos, culturas e ambientes.

6.4 Água viva, água batismal, compromisso de nova vida

Essa água concreta e cotidianamente necessária assume também relevância simbólica, torna-se fundamental para todas as práticas rituais de iniciação religiosa por meio do mergulho, da imersão ou da aspensão da água. O batismo é a experiência do novo nascer pela fé (Jo 3,1-7). A água torna-se elemento purificador, sinal da salvação que se faz presente.

O rito batismal é elemento que comemora o mito da criação: novidade de vida, recriação! Essa boa notícia deve ser rememorada e vivificada a cada dia numa prática ética

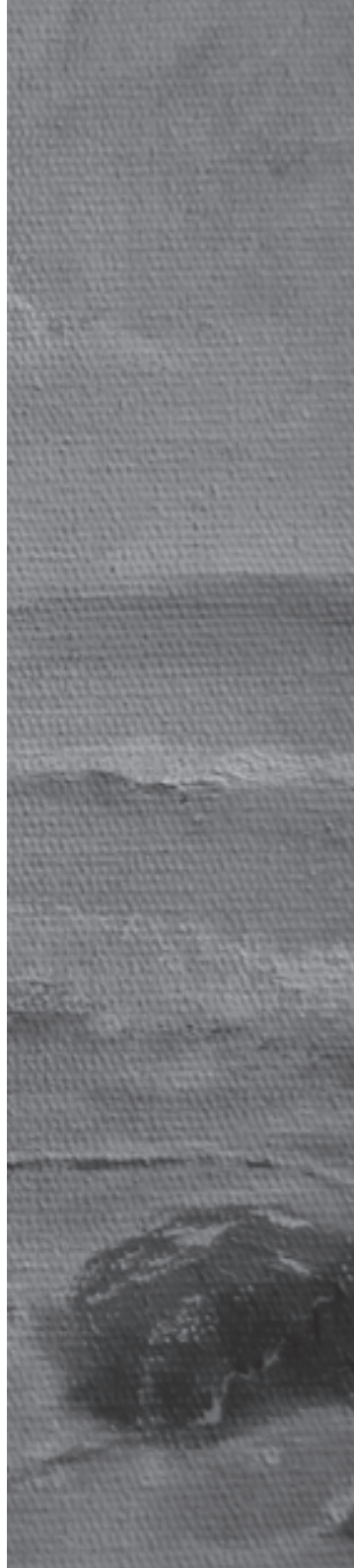
que remonta ao dia do batismo (Gl 3,26-28), à promessa do Cristo presente (Mt 28,18-20), ao compromisso e aos votos firmados pelas pessoas por ocasião do batismo. Na fé judaico-cristã, uma ética de justiça, de cuidado e de solidariedade está vinculada com o sacramento do batismo.

Esse convite e essa reivindicação de viver como nova criatura (Rm 6,4; 2Co 5,17) englobam as relações de interdependência entre todos os seres (Rm 8,18-30) e ajudam a construir um novo paradigma de cuidado para com todos os elos da criação. Onde e quando o batismo é vivido e renovado diariamente como pertença e compromisso com o Corpo de Cristo, com o Reino de Deus, ali não se buscam nem se praticam a ganância, a soberba, a morte, a violência, a diferença que desvaloriza o outro/a outra ou o próprio ser. As diferenças que causam opressão e sofrimento devem e podem ser superadas, as diferenças que afirmam a qualidade da diversidade devem ser aprendidas e respeitadas, e isso deve valer para todas as formas de vida, porquanto Deus dá vida a todo ser vivente, a toda respiração e a tudo mais e nele vivemos, nos movemos e existimos (At 17,25.28).

7 Para continuar a palavra... Integridade da criação, vida e paz em nosso mundo globalizado?!

Neste texto-estudo sobre terra, água e espiritualidade, aponto para dimensões e textos bíblicos bem concretos, mas também amplio o olhar para textos e contextos que continuam abertos e convidam para outros e novos estudos. Terra e água continuam sendo, talvez mais do que nunca, importantes elementos para uma experiência religiosa comprometida com a vida, a integridade da criação e a construção de paz que se fundamenta na justiça.

Fontes, rios, pias e piscinas batismais continuam presentes em celebrações e rituais nas religiões. Divindades foram e continuam sendo adoradas junto a fontes e mananciais de água. A tradição judaico-cristã, aqui enfocada, pode e deve contribuir para um diálogo ecumênico e inter-religioso que preserve a vida no mundo, fo-



cando as águas e a terra como elementos importantes para elaborações teológicas de uma de suas imagens sagradas: Deus como fonte da água da vida que, em nós, quer jorrar para a vida eterna.

Ecologicamente, essa imagem e alusão a Deus como fonte de água viva deveriam implicar reflexões e posturas de preservação, recuperação e cuidado com as águas e com todas as formas de vida! Deus como água-fonte é, em si e por si mesmo, um convite para cuidarmos de todas as águas e de reconhecermos que todas elas são sagradas. Atentar contra elas é atentar contra Deus. Contemplá-las e protegê-las contra mecanismos de destruição e exploração neste mundo globalizado de consumo, que geram morte e exclusão, é testemunhar profeticamente nosso pertencimento à fonte da água viva e nossa amizade solidária e protetora com as águas de vida que devem jorrar livremente para todas as pessoas e criaturas agora e eternamente.

Nessas perspectivas aqui refletidas, elaboradas e compartilhadas, importa ressaltar a integridade dos diversos e distintos elos da criação e sua interação: se uma parte sofre, sofre todo o conjunto, ‘plagiando’ o apóstolo Paulo e estendendo a organicidade do ‘Corpo de Cristo’ para o todo da criação (1Co 12,12-26; Cl 1,13-20). Essa espiritualidade do sentir-com, da com-paixão e da comunhão é simultaneamente desafio e alento na caminhada. Deliciar-se com Jesus olhando os lírios do campo e as aves do céu, bem como estressar-se com ele e com seus discípulos e suas discípulas no trabalho pelo Reino de Deus e sua justiça são os dois lados da mesma moeda. A labuta e a contemplação, a denúncia e o

anúncio integram uma espiritualidade de pessoas que sabem ser e fazer parte da história de Deus com seu povo.

Essa história é aberta e inclusiva no sentido de libertar pessoas em todos os tempos e lugares das amarras da escravidão, da ganância, do pecado como sistemas que aprisionam egocentricamente e matam relações de amor e cuidado. A criação toda precisa urgentemente experimentar e ‘parir’ a libertação para fora de todos esses sistemas que geram a morte e dela se nutrem. Por isso, esta história também inclui a libertação da terra, da água, do ar, de todos os elementos da criação das garras da ganância e da destruição, causadas por nós seres humanos. Os gemidos da criação (Rm 8) apontam para a ameaça de todos os ecossistemas, mas também já testificam o trabalho conjunto de libertação junto a cada elo da criação. A ética do cuidado torna-se realidade em meio aos assombros de destruição, mas é preciso mais, muito mais cuidado para a preservação da vida na escassez do tempo que ainda temos!

O poema de Cora Coralina *Considerações de Aninha* torna-se um testemunho de fé e ousadia em tentar novos voos na arte do conhecimento e da espiritualidade em seu contexto:

Melhor do que a criatura,
fez o criador a criação.
A criatura é limitada.
O tempo, o espaço,
normas e costumes. Erros e acertos.
A criação é ilimitada.
Excede o tempo e o meio.
Projeta-se no Cosmos.

Este poema, junto com os textos bíblicos abordados, serve de inspiração e de crítica, mas também pode ser apre-

ciado criticamente em suas afirmações positiv(ist)as em relação à criação e pessimistas em relação à criatura. Será que a criação é mesmo ilimitada diante da finitude de alguns de seus elementos vitais como a água? Será que a criação está contraposta ou justaposta à criatura, no caso o ser humano? Talvez Cora Coralina queira apontar para a infinita arte criadora de Deus, que é capaz de transformar coisas limitadas em novas parcelas de infinitos, tecendo redes cósmicas.

Apesar da inquietude que permanece diante do poema e de suas interpretações nesta região do Centro-Oeste brasileiro, vale continuar apostando renovadamente na inter-relação e na interdependência de todos os elos da maravilhosa obra do Criador, da energia dinâmica de seu espírito feminino *ruah*, que continua permeando toda a criação em alegria e dor, em sofrimento e cura!

Referências

BARROS, Marcelo. *O Espírito vem pelas águas*. São Leopoldo: CEBI; Goiás: Rede, 2002.

BEOZZO, José Oscar (org.). *Ecologia: cuidar da vida e da integridade da criação*. São Paulo: Paulus; CESEP, 2006.

BESERRA NETO, Evandro Araújo. *Conhecimento e liberdade em 1 Coríntios*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUC Goiás, Goiânia, 2010.

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, Leonardo. *A Opção-Terra: a solução para a Terra não cair do céu*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2009.

BRAKEMEIER, Gottfried. *A primeira carta do apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008.

CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre*. Meias Confissões de Aninha. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1985.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

GAMA, Matheus G. Guerra. *O perdão das dívidas na oração do Pai Nosso*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUC Goiás, Goiânia, 2010.

GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidades, justiça e feminismos: antologia de textos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

GOODMAN, Martin. *A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus.* São Paulo: Paulus, 1995.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento.* Tradução de Euclides L. Calloni. São Paulo: Paulus, 2005. V. 2: História e literatura do cristianismo primitivo.

KÜSCHNER-PELKMANN, Frank. *Wasser: Gottes Gabe, keine Ware.* Wasserwirtschaft in Zeiten der Globalisierung. Hamburgo: EMW, 2002.

LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 2000.

MATOS, Keila Carvalho de. *Vozes polêmicas e contraditórias sobre ministérios de mulheres: exegese e análise do discurso de 1 Coríntios 14,33b-35.* Tese (Doutorado em Ciências da Religião), PUC Goiás, Goiânia, 2010.

MIRANDA, Valtair A. *O dragão e a mulher: uma análise histórico-social de Apocalipse 12.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

MORIN, Émile. *Jesus e as estruturas de seu tempo.* 6. ed. São Paulo: Paulus, 1988.

NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.* São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo.* São Paulo: Loyola, 2005. (Bíblica Loyola, v. 48).

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O judaísmo antigo e o cristianismo primitivo em nova perspectiva. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; FUNARI, Pedro Paulo A.; COLLINS, John J. (orgs.). *Identidades fluídas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2010. p. 15-27.

NOVOLHAR – *Fé e ciência*. São Leopoldo, n. 36, 2010.

PLINIUS der Aeltere. *Historia Naturalis. Eine Auswahl aus der "Naturgeschichte"*. Org. por Michael Bischoff. Nördlingen: Gre-no, 1987.

REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. *Tempos de Graça: o Jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 1999.

REIMER, Haroldo. A terra, os pobres, os animais: uma visão ecológica da vida. *Revista IHU Online*, São Leopoldo, n. 346 (Tempo da Criação). Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=346>. Acesso em: 30 out. 2010.

REIMER, Haroldo. *Bíblia e Ecologia*. São Paulo: Reflexão, 2010.

REIMER, Haroldo. *Toda a Criação: Bíblia e Ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

RICHTER REIMER, Ivoni. Gerar. Parir. Cuidar. Experiências de vida e de morte... também na escatologia. In: RICHTER REIMER, Ivoni. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*. São Leopoldo: CEBI; Petrópolis: Vozes, 2000. p. 101-111.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: Teologia Bíblica Feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.

RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e economia política: o jeito romano de organizar a casa. In: RICHTER REIMER, Ivoni (org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006. p. 72-97. (2006a).

RICHTER REIMER, Ivoni. Perdão de dívidas em Mateus e Lucas: por uma economia sem exclusões. In: RICHTER REIMER, Ivoni (org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006. p. 135-157. (2006a).

RICHTER REIMER, Ivoni. Criação e Bíblia. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *Ecologia: cuidar da vida e da integridade da criação*. São Paulo: Paulus; CESEP, 2006. p. 115-150. (2006b).

RICHTER REIMER, Ivoni. Um elogio à prudência econômica transgressora: um estudo de Lucas 16,1-9. *Phoenix*, Rio de Janeiro, ano 13, p. 140-166, 2007.

RICHTER REIMER, Ivoni. Para memória delas! Textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 41-53, jan./jun. 2010.

RICHTER REIMER, Ivoni; MATOS, Keila (orgs.). *Mitologia e Literatura Sagrada: contribuições do III Congresso Internacional de Ciências da Religião*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás; São Leopoldo: Oikos, 2009.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. Tradução de Monika Ottermann. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos de Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

SMITH, Pierre. *A natureza dos mitos*. Para uma Antropologia Fundamental. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978. p. 237-253.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos*. Vol. I: 1-8: Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002 (Série: Comentário Bíblico NT).

STRÖHER, Marga J. *Casa igualitária e casa patriarcal: dois espaços e perspectivas diferentes de vivência cristã. O caminho da patriarcalização da igreja no primeiro século do cristianismo*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998.

THIERFELDER, Helmut. *Unbekannte antike Welt: eine Darstellung nach Papyrusurkunden*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1963.

VIELHAUER, P. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, apócrifos e aos pais apostólicos*. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2005.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

WEGNER, Uwe. Jesus, a dívida externa e os tributos romanos. In: RICHTER REIMER, Ivoni. *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006. p. 111-134. (2006a).

WENGST, Klaus. *Pax Romana – pretensão e realidade: experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1991.

ZURAWSKI, Sílvio; RICHTER REIMER, Ivoni. Porcos ao mar! Análise de Mc 5,1-20. In: RICHTER REIMER, Ivoni. *Milagre das mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG; São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 117-172.



Terra e água

na espiritualidade
do movimento de Jesus

Contribuições para um mundo globalizado

Ivoni Richter Reimer

O tema Terra e Água na Espiritualidade do Movimento de Jesus encontrou em Ivoni Richter Reimer excelente e competente defensora. Recomendo enfaticamente a leitura deste livro e desejo que ajude a converter corações e mentes em favor do cuidado que a maravilha da criação de Deus requer.

Dr. Gottfried Brakemeier

O livro de Ivoni certamente contribuirá para ir fomentando a emergência de um paradigma ecológico no tempo presente. Para isso, ela resgata tradições de espiritualidade sobre terra e água no movimento de Jesus, buscando mostrar que aquelas palavras antigas podem ser potencializadas hoje para uma nova prática de cuidado para com a vida. O livro é singelo e profundo! A sua leitura vale a pena!

Haroldo Reimer

O livro encanta. Abre horizontes e identifica perspectivas em nosso dia a dia. A água nos chama ao borbulhar pelas pedras, porque é assim que se renova a vida. Deus nos ajude para que em cada canto se faça uma reserva ecológica.

Rosileny e Milton Schwantes (*in memoriam*)



ISBN 978-65-5974-355-1



9 786559 743551